

The Shadow



Of Heavenly Things



A SOMBRA DAS COISAS CELESTIAIS, por Randolph

Dunn. O PRIMEIRO E O
SEGUNDO TABERNÁCULO.

Por Joseph Pittman

A Sombra das Coisas Celestiais

Introdução

'Adão (a palavra hebraica para homem) foi criado à imagem e semelhança de Deus e viveu retamente por um período indeterminado. Durante esse tempo, a morte física e espiritual do homem não existia. Após a criação de Adão, Deus o colocou no Éden, dando-lhe pelo menos três instruções.

1. Sejam fecundos e multipliquem-se [reproduzam-se].
2. Cuidar e manter o jardim [trabalho].
3. Não comam do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal [obedeçam].

Não há indicação de que Adão e Eva tenham se recusado a reproduzir-se ou a cuidar do jardim.

Contudo, quando tentados por Satanás, escolheram ceder ao desejo de serem tão sábios quanto Deus e desobedeceram, comendo do fruto proibido. Deixaram de ter um relacionamento justo com Deus. Consequentemente, a morte física e espiritual entrou em suas vidas e no mundo criado.

Deus não os abandonou, mas iniciou Seu plano para redimir e reconciliar a humanidade. Seus sacrifícios, cerimônias e rituais terrenos eram tipos e sombras que prenunciavam o sacrifício perfeito e eterno, ou oferta pelo pecado, que seria revelado em Jesus de Nazaré, Deus em forma humana.

"Portanto, que ninguém vos julgue pelo comer ou beber, ou por causa das festas religiosas, da Lua Nova ou dos sábados. Essas coisas são sombra das que hão de vir; a realidade, porém, pertence a Cristo" (Colossenses 2:16).

Profecia

A profecia é um processo no qual uma ou mais mensagens comunicadas a um profeta são então transmitidas a outros. Tais mensagens geralmente envolvem inspiração divina, interpretação ou revelação de eventos condicionados que estão por vir (cf. conhecimento divino). O processo de profecia envolve especialmente a comunicação recíproca do profeta com a fonte (divina) das mensagens. Uma lista de profecias durante as eras Patriarcal e Mosaica relacionadas a Cristo e seu cumprimento é fornecida ao final da lição.

Tipos

a. Um tipo é uma ilustração divinamente designada de alguma verdade. Pode ser: (1) uma pessoa; (2) um evento; (3) uma coisa; (4) uma instituição; ou (5) uma cerimônia. Os tipos ocorrem com maior frequência no Pentateuco [Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio], mas são encontrados, com menos frequência, em outros lugares. O antítipo, ou cumprimento do tipo, é encontrado geralmente no Novo Testamento.

b. "Um 'Tipo' é uma ação ou ocorrência prefigurativa na qual um evento, pessoa ou circunstância pretende representar outra, semelhante a ela em certos aspectos, mas futura e distante. O 'Antítipo' é a coisa prefigurada. O tipo do Antigo Testamento também é chamado de sombra e a realidade do Novo Testamento que ele tipifica é chamada de corpo, imagem expressa, substância ou realidade."

"Para interpretar corretamente a profecia em linguagem figurada, ela deve ser espiritualizada. Um tipo era uma profecia do antítipo."

"Devido à semelhança entre duas coisas em certas características, uma pode ser designada pelo nome da outra. Em alguns casos, a linguagem que descreve a sombra é usada quando se refere à substância." ... "Devemos reconhecer que o tipo e o antítipo não são idênticos. Há apenas alguns pontos de semelhança. Além disso, a sombra é inferior à substância. O tipo era temporário. Não pode haver possibilidade de retorno à sombra após a chegada da substância."

"Tipologia [o estudo e a interpretação de tipos e símbolos]

1. Tipo - (Gr. tupos). Romanos 5:14, onde Paulo declara que Adão "é uma figura, tipo, símbolo, representação, modelo (tupos) daquele que havia de vir"; isto é, Cristo.
2. Sombra (Gr. Skia). Colossenses 2:17, certos elementos do sistema mosaico são descritos como "uma sombra das coisas vindouras"; "os quais, sacerdotes levitas, servem como exemplo e sombra das coisas celestiais" (Hebreus 8:5); a lei tendo uma sombra das coisas boas vindouras... não a própria imagem das coisas (Hebreus 10:1).
3. Cópia, exemplo, padrão (Gr. Hupodeigma) e usado em conjunto com "sombra" em Hebreus 8:5 (cf. Hebreus 9:23).
4. Parábola, símbolo, ilustração, figura, tipo (Gr. parábola). Hebreus 9:9, onde certos elementos do Tabernáculo são "uma figura para o tempo presente". "Ele considerou que Deus era capaz até de ressuscitá-lo dentre os mortos, do que, figurativamente falando, o recebeu de volta" (Hebreus 11:19).
5. Antítipo, verdadeira semelhança, simboliza, corresponde, padrão, cópia, figura (Gr. antitupon, traduzido como "figuras" ou "padrão" em Hebreus 9:24, e "figura semelhante" ou "verdadeira semelhança" em 1 Pedro 3:21).

"Os tipos são fundamentados na história real; as pessoas, os lugares, os eventos, os cargos, as ações, as instituições, etc., foram escolhidos deliberadamente por Deus para preparar o terreno para a vinda do sistema cristão. O tipo foi projetado por Deus para antecipar seu cumprimento no Novo Testamento."

Era Patriarcal

O artigo a seguir sobre Tipos e Sombras na Era Patriarcal foi citado do site feedingonchrist.com/old-testament-personal-types-and-shadows-of-christ. Trata-se das opiniões e interpretações pessoais de Nicholas T. Batzig, da Igreja Presbiteriana New Covenant em Richmond Hill, Geórgia. Como todas as opiniões e interpretações, não são inspiradas e podem ou não ser válidas. Cabe ao leitor formar sua própria opinião e rejeitá-las ou aceitá-las. O site TheBibleWayOnline.com não expressa opinião alguma a respeito dessas interpretações e opiniões.

Adão é explicitamente descrito como uma figura de Cristo, pois representava a humanidade (Romanos 5:12). Paulo expõe uma das principais maneiras pelas quais ele era uma figura de Cristo em Romanos 5:12-21. A liderança federal de Adão — juntamente com a culpa, a corrupção e a morte que sua desobediência trouxe a toda a humanidade — é contrastada com a liderança federal de Cristo e a subsequente justificação dos crentes por meio de sua obediência e morte vicária. Adão também é visto como uma figura de Cristo em 1 Coríntios 15, onde seu corpo terreno é contrastado com o corpo ressuscitado do Cristo glorificado e seu povo. Em ambas as passagens, há semelhança e contraste na figura.

Abel é apresentado como uma figura de Cristo, pois foi o primeiro a sofrer por amor à justiça (Mateus 23:34-35). A hostilidade que Caim dirigiu a seu irmão era, em última análise, direcionada a Deus. Charles Spurgeon disse: "Se Caim pudesse ter atingido a garganta de Deus, ele o teria feito". Foi exatamente isso que os homens fizeram na crucificação de Cristo. Abel morreu porque adorou a Deus corretamente. Jesus morreu porque sempre fez a vontade de Seu Pai Celestial. Abel foi o primeiro mártir. Jesus é o mártir antitípico. O autor de Hebreus nos diz que "o sangue de Jesus fala melhor do que o de Abel" (Hebreus 11:4; 12:24). Assim como Adão, Abel também era uma figura de Cristo por meio de comparação e contraste. Ele é comparado a Cristo por ter sido martirizado por amor à justiça; ele é contrastado com Cristo porque seu sangue clamava por vingança, enquanto o sangue de Cristo clama por misericórdia.

Sete era uma figura de Cristo, pois era a "semente" da mulher que — como seu nome indica — foi "designada/colocada/estabelecida" no lugar de Abel. Nosso Senhor Jesus Cristo é a "Semente da mulher" no sentido do cumprimento final da promessa de Gênesis 3:15. Sete foi apenas um passo típico no cumprimento da promessa da Aliança de enviar um "Redentor-Semente". Aqui, é imprescindível observarmos um princípio interpretativo orientador ao estudarmos o Antigo Testamento. Como a revelação de Deus está organicamente relacionada à primeira promessa de um redentor (Gênesis 3:15), e visto que essa primeira promessa seria cumprida pela mulher gerando um filho homem, cada geração subsequente, de Adão e Eva em diante, deveria aguardar com expectativa o cumprimento da promessa de redenção. Vemos isso em Eva dando o nome de Caim. Em Gênesis 4:1, lemos: "Ora, Adão conheceu Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: 'Adquiri um varão do Senhor'".

Com fé, Eva esperava que Deus tivesse cumprido Sua promessa de lhe dar um Redentor, embora nada pudesse estar mais longe da verdade. A expectativa do Redentor também está ligada ao estabelecimento da linhagem da aliança da qual Cristo viria. Sete está no...
chefe dessa linhagem da aliança.

Enoque era uma figura de Cristo, pois "andava com Deus e não era Deus". Enoque foi um exemplo de excepcional retidão. Ao ser levado corporalmente para o céu, ele prefigurou a ascensão corporal de Cristo, que "andava com Deus e não era Deus". A ascensão corporal de Enoque prefigura a ressurreição e ascensão de Jesus, bem como a ressurreição corporal de todos os que estão unidos a Cristo pela fé.

Noé era uma figura de Cristo, pois servia como uma espécie de "segundo Adão"; ele não era "O Segundo Homem" ou "O Último Adão", mas sim uma figura daquele que há de vir. Assim como Deus deu a Adão o mandamento da criação para ser fecundo e multiplicar-se, Ele deu a Noé o mandamento da recriação. O Senhor

Noé recebeu instruções sobre o que Adão podia comer. Da mesma forma, Noé recebeu instruções sobre alimentação. Noé seria tipicamente o representante federal de uma nova humanidade. Jesus é o líder federal da nova humanidade. O nome Noé significa "descanso". Seu pai o chamou de "Descanso", dizendo: "Este nos dará descanso da terra que o Senhor Deus amaldiçoou". Noé trouxe descanso apenas em um sentido típico quando saiu da Arca com sua família para habitar uma nova criação típica. Mas Cristo, o Noé maior, de fato dá descanso às almas dos homens e mulheres (Mateus 11:25-30). Somente Cristo garantiu a nova criação por meio de Sua morte e ressurreição.

O Senhor preservou a humanidade após o dilúvio para cumprir Sua promessa (Gênesis 3:15) de enviar a "semente" da mulher para esmagar a cabeça da Serpente. Ele também preservou Noé na arca porque o Redentor estava, por assim dizer, em seus lombos (Lucas 3:23, 35-37). Como o Messias ainda não havia vindo, Deus teria sido infiel à Sua promessa se tivesse destruído completamente o mundo.

Ele deixou um remanescente para que os homens se multiplicassem e para que Cristo viesse e redimisse uma multidão de pessoas incontável. Embora o dilúvio tenha sido um julgamento sobre a maldade do mundo caído, ele jamais poderia remover essa maldade do coração dos homens; somente a obra salvadora de Cristo poderia fazê-lo. Deus prometeu nunca mais destruir o mundo da mesma forma que o fez, exatamente pela mesma razão pela qual o destruiu em primeiro lugar (Gênesis 1:10).

6:5-7; 8:20-22). Em resumo, a humanidade de Cristo estava na Arca, nos lombos de Noé, e tudo o que estava na Arca com Noé seria usado no desenrolar do plano de redenção.

Jó era uma figura de Cristo, pois era um sofredor justo. Jó passou por uma humilhação e exaltação que encontram seu antítipo no sofrimento e na glória do Redentor. Jó foi provado por Deus quando foi tentado pelo diabo. Jesus foi provado por Deus quando foi tentado pelo diabo. Assim como Deus quis o bem para Jó por meio de seus sofrimentos (Jó 42:12), Ele também quis o bem para Cristo por meio de Seus sofrimentos. Jesus é o sofredor justo que manifesta a justiça de Deus.

Melquisedeque era uma figura de Cristo, pois era o Rei/Sacerdote que abençoou Abraão. Ninguém no Antigo Testamento exerce ambos os ofícios. Jesus é o Profeta, Sacerdote e Rei da Sua Igreja.

Melquisedeque o personificou em dois dos três ofícios (Zacarias 6:12-13). Ele era o "Rei da Justiça" e o "Rei dos Sacerdotes". Jesus é o Rei em quem "a justiça e a paz se encontram" na cruz (Salmo 85:10). Assim como Melquisedeque antes dele, Jesus não teve "princípio de dias nem fim de vida". Ele é o Sacerdote eterno para quem Melquisedeque apontava. Ele nunca foi, e nunca será, substituído como Sumo Sacerdote da Igreja.

Abraão era uma figura de Cristo, pois representava o protótipo do estrangeiro e forasteiro. Assim como o Redentor, ele, na prática, "não tinha onde reclinar a cabeça". Como chefe da Aliança, ele também era o pai de muitas nações. Jesus é o "Pai Eterno" (Isaías 8:18, 9:6; Salmo 45:16; Hebreus 2:13) dos crentes, que representava o Seu povo de todas as línguas, tribos, nações e línguas. As promessas nas Escrituras foram feitas a "Abraão e à sua descendência... que é Cristo". Todas as promessas feitas a Abraão foram feitas a Ele como o representante típico da Aliança da Graça. Em última análise, elas foram feitas a Jesus Cristo e cumpridas nele.

Isaac era uma figura de Cristo, pois era o "filho de Abraão" prometido. As promessas de Deus foram feitas diretamente a Abraão com respeito a Seu filho (descendente). Em todo o Novo Testamento, somos ensinados que Jesus é o verdadeiro filho prometido de Abraão. Contudo, na promessa original, Isaac era o filho prometido em questão. O nascimento e a vida de Isaac também simbolizam o Redentor.

Assim como o nascimento de Isaac foi resultado do poder sobrenatural de Deus, o mesmo aconteceu com Jesus. Isaac simbolizava o Redentor, pois era o único outro sacrifício humano ordenado por Deus e, embora Deus tenha impedido Abraão de sacrificar Isaac, diz-se que ele morreu e ressuscitou "figurativamente" (Hebreus 11:19). Jesus, o verdadeiro e maior filho de Abraão, foi sacrificado, ressuscitou e retornou ao Pai.

Jacó era uma figura de Cristo, pois Ele era o escolhido que recebeu o nome de 'Israel' de Deus. Antes de Israel ser uma nação, Ele era uma pessoa. Isso é significativo, visto que Jesus é apresentado como o verdadeiro Israel nos Evangelhos. O fato de o nome "Israel" ser dado primeiramente a uma pessoa revela que o Israel antitípico seria uma pessoa. Jacó deu origem à nação-igreja; Jesus dá origem à Sua igreja. Jesus é o "escolhido" de Deus (Isaías 42:1). Ele é o "último homem de Israel" e o representante do verdadeiro Israel.

José era uma figura de Cristo, pois sofreu injustamente e depois foi exaltado para salvar seus irmãos.

Passando por uma série de mortes e ressurreições, José personificou os "sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguirão" (1 Pedro 1:10-11). Ele foi invejado e odiado por seus irmãos, sofreu nas mãos deles e foi exaltado a uma posição de poder sobre a nação mais poderosa do mundo. Jesus, o maior José, foi invejado e odiado por seus compatriotas e irmãos, assassinado por eles e então exaltado ao mais alto lugar de poder e honra para salvar o mundo, alimentando-o com os ricos celeiros do céu. feedingonchrist.com/old-testament-personal-types-and-shadows-of-christ

Idade Mosaica

Anos após a morte de José, Deus levantou Moisés para libertar o Seu povo da escravidão egípcia.

Após atravessarem o Mar Vermelho, eles foram libertados da escravidão. Então, Deus, por meio de Moisés, fez uma aliança com esses ex-escravos. Essa aliança é frequentemente chamada de "A Lei de Moisés".

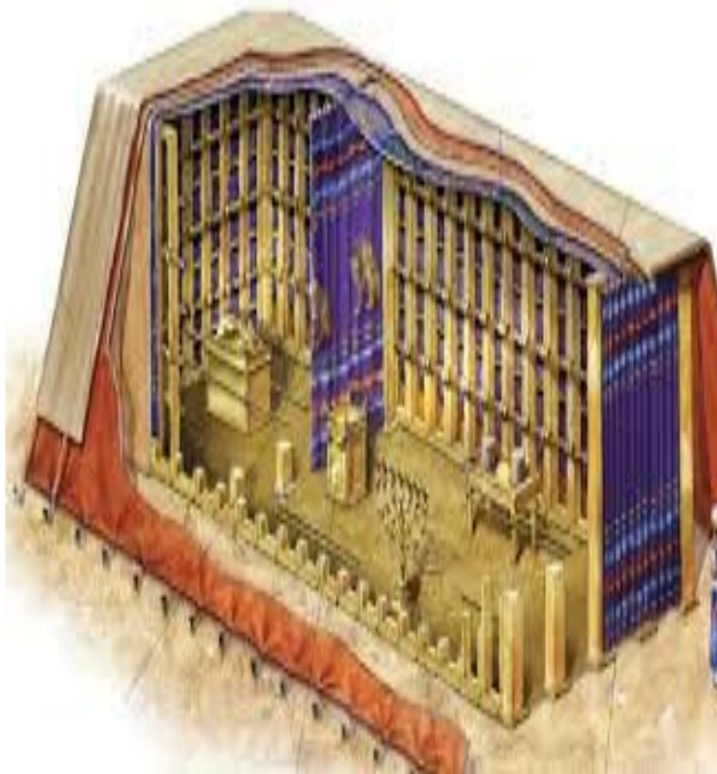
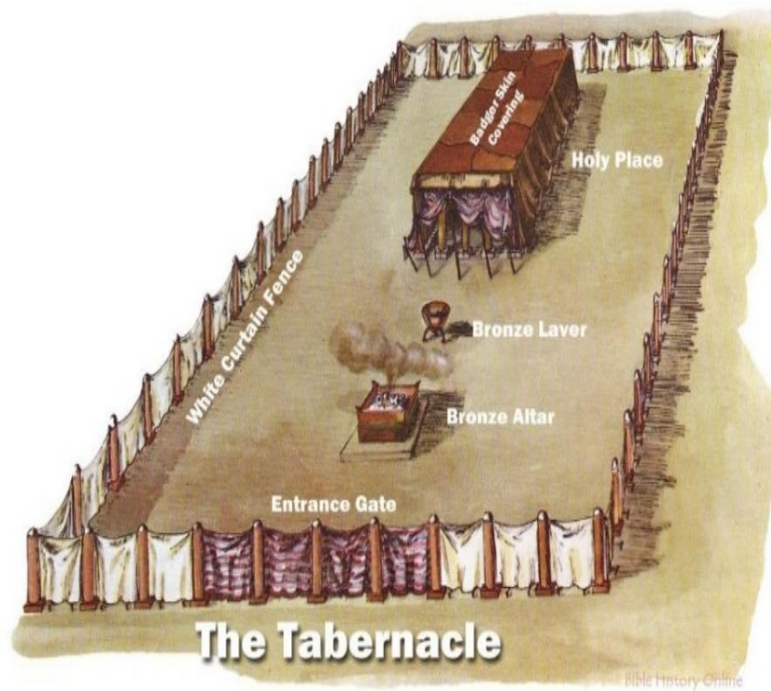
Deus também deu a Moisés planos específicos para a construção de um tabernáculo e seu conteúdo. Após sua conclusão, Deus entra no Lugar Santíssimo. Devido à falta de fé, esse povo, conhecido por nós como os Filhos de Israel, vagou por 40 anos antes de ser autorizado a entrar na terra prometida por Deus a Abraão, Isaque e Jacó.

Por inspiração divina, Moisés e outros escritores registraram a história que chamamos de Antigo Testamento. Ele abrange o período da criação até o momento exato em que Deus revelou e concedeu o perdão dos pecados (salvação) por meio do sacrifício expiatório de Jesus de Nazaré.

Esperamos que as imagens a seguir ajudem você a compreender as interpretações pessoais de Joseph Pitman sobre tipos e sombras. A BibleWay Publishing não emite opinião sobre a precisão dessas interpretações.

1. A primeira imagem mostra os israelitas acampados por tribo ao redor do Tabernáculo.
2. A segunda imagem mostra o holocausto no altar e a presença de Deus descendo sobre o Lugar Santíssimo, onde ficavam a Arca da Aliança e o Propiciatório.
3. A terceira é uma vista em corte que mostra a disposição e o conteúdo do Santo e Santíssimo Lugar.
4. A quarta é uma concepção artística do conteúdo do tabernáculo.







**A SOMBRA DAS COISAS CELESTIAIS,
Ou
O PRIMEIRO E O SEGUNDO TABERNÁCULO.
POR JOSEPH PITTMAN.**

"Para ser adquirido com o autor, na Airlie Avenue, Armadale, ou na Austral Publishing Co., 528 Elizabeth Street, Melbourne. Os lucros desta obra serão destinados ao Armadale Rescue Home. 1893. Pittman, Joseph."

A Sombra das Coisas Celestiais, ou o Primeiro e o Segundo Tabernáculo. Melbourne: Austral Publishing Company, 1893.
Texto eletrônico fornecido por Colvil Smith. Renderização HTML por Ernie Stefanik. 15 de agosto de 1999.

Capítulos

Prefácio e Introdução

Capítulo I: Sombra e Substância

Capítulo II: Moisés-Cristo

Capítulo III: Operários Inspirados

Capítulo IV: Os Materiais

Capítulo V: O Tribunal

Capítulo VI: A Estrutura

Capítulo VII: A Cobertura

Capítulo VIII: O Altar de Bronze

Capítulo IX: A Lavatório

Capítulo X: O Sacerdócio

Capítulo XI: O Lugar Sagrado

Capítulo XII: A Mesa dos Pães da Proposição

Capítulo XIII: O Altar do Incenso

Capítulo XIV: O Santo dos Santos

Capítulo XV: O Sumo Sacerdote

Capítulo XVI: Conclusão

PREFÁCIO

O conteúdo desta pequena obra foi escrito há oito anos. Ao chegar à colônia de Victoria, minha intenção era publicá-la; porém, ao encontrar a pequena joia de tratado do Irmão Maston sobre o mesmo assunto já publicada, guardei o manuscrito. Mas, pensando em maneiras de ajudar nosso Lar de Acolhimento, ocorreu-me que, com esse objetivo em vista, eu poderia agora ser perdoado por trazer à luz minha humilde produção. Ao entrevistar o Irmão Maston, com sua habitual magnanimidade, ele logo me tranquilizou quanto a qualquer receio de rivalidade; e me incentivou a publicar, pois o assunto ainda não estava totalmente explorado. E agora só me resta dizer que, se este esforço se mostrar de alguma forma útil ao meu leitor dedicado, serei mais do que recompensado, se, por ele recomendá-lo a outros, suas vendas aumentarem e, assim, o Lar de Acolhimento for beneficiado. -- JP

INTRODUÇÃO.

Desvendar o véu do futuro é divino. Das inúmeras evidências da autoria celestial da Bíblia, talvez uma das mais conclusivas seja a sua maravilhosa revelação do futuro. Dois métodos foram empregados. Primeiro, pela "palavra segura da profecia", que Deus deu "pela boca dos seus santos profetas desde o princípio do mundo"; e segundo, por tipos e sombras. Pode-se questionar se, normalmente, "os eventos vindouros projetam suas sombras antes", mas isso é inegavelmente verdade no caso da Bíblia. Não é exagero dizer que todo o sistema do cristianismo foi predito nas Escrituras do Antigo Testamento por meio de tipos e profecias. O Novo Testamento contém cerca de 500 referências ao Antigo. Quase todas essas citações servem para testemunhar a verdade da religião de Jesus Cristo. Há, portanto, uma estreita conexão entre as duas grandes divisões da Bíblia — o Antigo e o Novo Testamento — e elas devem ser estudadas em conjunto para compreender "todo o conselho de Deus". O objetivo deste pequeno tratado nos limita a um aspecto deste estudo fascinante. Oremos por luz e orientação, para que a glória de Deus seja nossa e para que possamos ver a luz em Sua luz.

A jornada dos israelitas, desde o cativeiro no Egito até a entrada em Canaã, é uma série contínua de tipos e símbolos do nosso progresso da escravidão do pecado à nossa entrada triunfal na glória. Moisés, também, como líder de Israel, sempre se destaca como o tipo de Jesus Cristo. Isso é abundantemente comprovado pelas seguintes Escrituras do Novo Testamento: "Irmãos, não quero que vocês ignorem que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos atravessaram o mar; e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar; e todos comeram do mesmo alimento espiritual, e todos beberam da mesma bebida espiritual; porque bebiam da rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo."

· Ora, essas coisas foram exemplos para nós (nota: nessas coisas, eles se tornaram figuras de nós)" (1 Coríntios 10:1-6); "Moisés disse: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda alma que não ouvir esse profeta será totalmente exterminada do meio do povo" (Atos 3:22, 23); "Com quem se desagradou durante quarenta anos? Não foi com os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto? E a quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos desobedientes? E vemos que eles não puderam entrar por causa da incredulidade." Portanto, temamos que, restando a promessa de entrar no Seu descanso, algum de vocês pareça ter falhado em cumpri-la" (Hebreus 3:17; 4:1). Mas mesmo que não pudéssemos nos referir a tais passagens bíblicas, a semelhança é tão impressionante que é impossível não a reconhecer. Vamos analisá-la brevemente. Os israelitas estavam sujeitos a uma cruel escravidão no Egito, que os degradava completamente.

Este é o estado do homem: aprisionado, impuro e degradado pelo pecado. Moisés foi enviado por Deus para libertar os filhos de Israel da escravidão. Jesus foi enviado para nos libertar do pecado e da ruína.

O próprio caráter e a história de vida de Moisés apresentam uma semelhança impressionante com Jesus. Sabendo que fora destinado a ser o libertador de Israel (Atos 7:25), ele "recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado pelo povo de Deus a desfrutar os prazeres passageiros do pecado. Considerou a humilhação por amor a Cristo como riqueza maior do que os tesouros do Egito, pois tinha os olhos fixos na recompensa futura" (Hebreus 11:24-26). Assim também Jesus, "sendo rico, se fez pobre por nossa causa, para que por meio de sua pobreza nos tornássemos ricos" (2 Coríntios 8:9). "Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha" (1 Coríntios 13:13).

(Hebreus 12:2). A semelhança é real, embora seja verdadeiramente apenas uma sombra da substância. A analogia

e continua. Moisés comprovou sua missão divina por meio de muitos milagres maravilhosos. Assim, Pedro disse sobre Jesus: "Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré, homem aprovado por Deus diante de vocês por seus milagres, prodígios e sinais, que Deus realizou no meio de vocês, como vocês mesmos sabem" (Atos 2:22). E Jesus disse com sinceridade: "As obras que eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim" (João 10:25). A instituição da Páscoa — o cordeiro imolado e comido com pão ázimo e ervas amargas, o povo com os lombos cingidos, os sapatos nos pés e o cajado na mão; a verga e os batentes das portas salpicados com o sangue do cordeiro; a passagem do anjo da destruição: tudo isso ilustra de forma marcante as preciosas coisas da nova aliança. "Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado por nós", e pela fé o recebemos, com a amargura do arrependimento, mas com a alegria da esperança, quando nos libertamos de nossas correntes e vergonha, decididos a viver uma vida nova e consagrada. Pela fé, nos abrigamos sob o sangue de sua cruz, e a ira que tanto tínhamos e merecíamos foi graciosamente afastada!

Moisés lidera o povo, sob a orientação de Deus. Lemos: "E aconteceu que, quando Faraó deixou o povo ir, Deus não os guiou pelo caminho da terra dos filisteus, embora este fosse o mais próximo; porque Deus disse: Para que, vendo a guerra, o povo não se arrependa e volte para o Egito; mas Deus os guiou pelo caminho do deserto do Mar Vermelho" (Êxodo 13:17, 18).

Ora, embora seja impossível localizar no mapa o percurso seguido pelos filhos de Israel, é certo que o Senhor os guiou por um caminho estranho, que em sua sabedoria mundana jamais teriam escolhido por si mesmos. Tanto quanto se pode apurar com razoável certeza, parece que o caminho "mais próximo" era uma rota curta e fácil pelo deserto, que teria evitado o Mar Vermelho. Mas, em vez de seguirem esse caminho, "Deus fez o povo dar uma volta" por uma região montanhosa e acidentada, até as margens do Mar Vermelho. Qualquer general humano teria considerado isso a maior loucura. E sabemos o que o povo pensou ao ver o mar à sua frente, montanhas intransponíveis de ambos os lados e o implacável Faraó e seu exército em sua retaguarda. Mas Deus viu o fim desde o princípio. Eles não, e isso fez toda a diferença. "E o Senhor disse a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que avancem; levanta a tua vara, estende a tua mão sobre o mar e divide-o" (Êxodo 14:15, 16). E Moisés assim fez; e o povo, liderado por Moisés, atravessou em terra seca; e os egípcios, que os seguiam, foram engolfados pela enchente que retornava, enquanto o povo rasgava os céus com seus gritos de vitória e louvor. Isto ilustra uma grande e importante verdade: os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Este exemplo da insondável providência de Deus é, na realidade, uma ilustração dos Seus caminhos em geral. Numerosos exemplos do mesmo tipo, em que os mandamentos e os caminhos de Deus parecem, à pobre e finita razão, absurdos, estão espalhados pelas páginas da Palavra de Deus. Basta mencionar o toque das trombetas em torno de Jericó; o exército de Gideão reduzido a 300 homens para enfrentar o exército dos midianitas; A lavagem de Naamã, o leproso, no Jordão; o cego, cujos olhos foram ungidos com barro, instruído a lavá-los no tanque de Siloé. A razão humana fica perplexa diante de mandamentos como esses. E se não fosse pela sequência em todos esses casos, em vez de nos mantermos reverentes e adoradores diante de tamanha sabedoria e poder infinitos, teríamos nos sentido ofendidos por seu aparente absurdo. Mas do que nos lembra o fato de Deus guiar o povo por um caminho estranho através do Mar Vermelho, ou que ato na jornada do pecado e da condenação para a liberdade do evangelho ele pretende simbolizar? A resposta é o batismo.

"Nossos pais", diz Paulo, "estiveram todos debaixo da nuvem, atravessaram o mar e foram todos batizados em Moisés, na nuvem e no mar"; e acrescenta: "Ora, essas coisas foram feitas em exemplo para nós" (figuras de "nós", nota de rodapé). Aqui se vê que o batismo dos israelitas em Moisés, como

O libertador deles, na nuvem e no mar, era uma figura do batismo em Cristo. Para mim, a analogia parece tão completa que não vejo como alguém possa duvidar dela. Vimos que a Páscoa era uma figura da redenção pelo precioso sangue de Cristo, e a atitude do povo simbolizava nossa fé em Cristo e nosso sincero arrependimento para com Deus, e que o povo se deixou conduzir de forma estranha através do Mar Vermelho. Agora, se examinarmos o Novo Testamento e o caminho da salvação apresentado por Cristo e seus apóstolos inspirados, descobriremos que a travessia do Mar Vermelho deve ser uma representação simbólica do batismo e nada mais. Nosso bendito Senhor, ao dar aos Apóstolos a Grande Comissão, diz: "Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). Assim como o povo de Israel se entregou a Moisés como seus discípulos ou seguidores, e foi formalmente batizado nele ao segui-lo através do Mar Vermelho, e testemunhou a completa derrota e destruição de seus antigos opressores, assim também o crente arrependido em Jesus se entrega a Cristo, como seu fiel discípulo, e o segue pelo batismo, e então prossegue seu caminho regozijando-se, como o eunuco (Atos 8), porque seus pecados e grilhões foram quebrados e sepultados, para nunca mais serem lembrados contra ele. Este é o caminho peculiar de Deus. Muitos o consideram sem sentido, absurdo, desnecessário. Oh, tomemos cuidado para não repetirmos a insensatez dos israelitas em suas murmurações, nem a de Naamã em seu raciocínio míope. Bem-aventurado o homem que crê que o caminho de Deus é seguro e correto, simplesmente por ser o Seu caminho; pois, ao seguir o caminho do dever, onde a razão falha em guiar, ele apenas demonstra sua fé na sabedoria infalível de Deus, em vez de em sua própria razão tola e míope.

Vamos explorar um pouco mais essa analogia. A história das peregrinações de Israel e a forma como Deus lidou com eles são frequentemente mencionadas no Novo Testamento como ilustrações ou figuras da vida cristã.

1. Eles não tinham morada fixa. Estavam constantemente em movimento, sempre viajando, às vezes se aproximando muito da terra prometida e outras vezes se afastando dela, mas sempre tendo diante de si o repouso esperado na terra "que mana leite e mel". Essa passagem é usada repetidamente no Novo Testamento para ilustrar a vida cristã. "Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a cidade que há de vir" (Hebreus 13:14). Somos "estrangeiros e peregrinos" e ansiamos pelo "repouso que resta", quando estaremos "para sempre com o Senhor".

2. O deserto era árido. Seu sustento diário vinha do céu. A rocha ferida produz torrentes de água que os acompanham em todas as andanças. Diz Moisés: "O Senhor te guiou por aquele grande e terrível deserto, onde havia serpentes venenosas e escorpiões, e terra sedenta onde não havia água; ele te fez sair água da rocha de pederneira; ele te guiou no deserto com maná, que teus pais não conheciam; para te humilhar, e para te provar, a fim de te fazer bem no fim" (Deuteronômio 8:15-16). "E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus te guiou nestes quarenta anos no deserto, para te humilhar, para te provar, para saber o que havia em teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não. E ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te alimentou com maná, que nem tu nem teus pais conheciam; para te fazer saber que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que procede da boca do Senhor. As tuas vestes não envelheceram sobre ti, nem os teus pés incharam nestes quarenta anos."

anos" (Deuteronômio 8:2-4). É uma alegria para todo verdadeiro cristão poder aplicar a si mesmo as coisas preciosas do Novo Testamento que são aqui simbolizadas. "Aquele pedra era Cristo", diz Paulo (1 Coríntios 1:10).

10:4). E Jesus diz: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu, para que o homem coma dele e não morra" (João 6:51). Este mundo para o cristão é um deserto árido, no que diz respeito à sua vida espiritual, mas ele sabe, com alegria, que "nem só de pão viverá o homem".

3. As próprias murmurações, desobediências e punições dos israelitas no deserto são frequentemente usadas pelos escritores do Novo Testamento como advertências e figuras para nosso proveito. "A serpente no deserto" é uma figura de Cristo "erguido" na cruz. O povo murmurou, e Deus enviou serpentes venenosas que os destruíram, e quando clamaram a Deus por misericórdia, Ele ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze, o mais semelhante possível às serpentes venenosas, e a erguesse numa haste, para que todo aquele que a olhasse fosse curado. Jesus usa isso como uma figura de si mesmo. A figura é, de fato, muito marcante, mas como é estranho que Jesus se compare a uma serpente! Mas não, não era uma serpente, mas a semelhança de uma serpente. Quão verdadeiro é, então, o símbolo: Jesus foi feito "à semelhança da carne pecaminosa", para que "como oferta pelo pecado, condenasse o pecado na carne". O apóstolo Paulo diz: "Essas coisas foram feitas em figura para que não cobiçemos coisas más, como eles cobiçaram. Não sejais ídólatras, como alguns deles foram... nem tentemos a Cristo, como alguns deles foram tentados e destruídos pelo destruidor. Ora, todas essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas para advertência nossa, para quem já são chegados os fins dos tempos. Portanto, aquele que pensa estar em pé, veja que não caia" (1 Coríntios 10:10). Novamente em Hebreus 3:12-19: "Por quem ele se indignou durante quarenta anos? Não foi com os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto? E a eles jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos desobedientes; e vemos que estes não puderam entrar por causa da sua incredulidade." Também 4:1, 2: "Temamos, pois, que, havendo deixado a promessa de entrar no seu descanso, algum de vós pareça ter falhado nela."

Pelo exposto, não restará dúvida de que a história dos Filhos de Israel tinha o propósito de ser representativa das "coisas celestiais", ou seja, das realidades espirituais da Nova Aliança. Antes de encerrar este capítulo, podemos considerar brevemente uma ou duas lições que aprendemos e que nos serão proveitosas. 1ª.

Vemos que o cristão está sujeito à lei, assim como os judeus. A diferença é que, enquanto a lei de Moisés "matava", a lei do Espírito dá vida. Esta é mais uma razão pela qual esta última deve ser obedecida com alegria e escrupulosamente. Cristo é nosso Senhor e Líder, assim como Moisés foi para Israel, e cabe a nós seguir nosso Líder Divino, assim como Israel foi obrigado a seguir o seu. Para aqueles que assim obedecem, o Seu serviço é a perfeita liberdade. 2º. Nossas responsabilidades são medidas pelas nossas vantagens. A quem muito é dado, muito é exigido. Se, portanto, sob o comando de Moisés, o povo foi punido pela desobediência, "de quanto maior castigo mereceremos nós se nos afastarmos daquele que nos fala dos céus". 3º. Os incentivos para seguir Moisés eram grandes, mas quão maiores são os incentivos para seguir Jesus. Moisés foi verdadeiramente um nobre exemplo de abnegação pelo seu povo — um líder sábio, um amigo fiel; mas quão mais profundo é o amor de Cristo; que amigos se comparam a Ele! Moisés não pôde salvar o povo de seus pecados — não pôde guiá-los para a vida eterna. Mas Jesus é "o caminho, a verdade e a vida", e todos os homens podem chegar ao Pai por meio dele.

SOMBRA E SUBSTÂNCIA

Na introdução anterior, vimos que a história dos israelitas, do Egito a Canaã, foi concebida para ser um exemplo da vida cristã, desde o momento de nossa libertação da escravidão do pecado e de Satanás até nossa entrada no descanso que resta ao povo de Deus. Traçamos apenas um esboço; muito mais poderia ser dito sobre suas tentações, provações, guerras, vitórias etc., mas não temos espaço suficiente e, além disso, é melhor ser sugestivo do que exaustivo, para que o leitor devoto tenha espaço para pesquisas e comparações adicionais.

Agora demonstrarei que o tabernáculo no deserto foi concebido como uma representação do sistema cristão. Devemos quase que inteiramente à Epístola aos Hebreus a confirmação dessa verdade. Hebreus 10:1: "Porque a lei tem a sombra dos bens vindouros, e não a imagem exata das coisas", etc. É evidente pelo contexto que "a lei" aqui se refere à parte da lei de Moisés que tratava do tabernáculo e suas conexões, ou o que é chamado de "lei cerimonial". Essa lei continha uma "sombra dos bens vindouros". Esses "bens" são as bênçãos do evangelho de Cristo, como o capítulo demonstra de forma bastante conclusiva. A sombra é explicada como "não sendo a imagem exata das coisas (boas)". Uma sombra nunca é a imagem exata de sua substância, mas geralmente é suficiente para indicá-la. Às vezes, a identificação da sombra e de sua substância é difícil — talvez impossível — até que a substância se manifeste. Mas então, sua relação entre si é facilmente estabelecida. Se vírmos a sombra de uma árvore projetada pelo sol ou pela lua, mesmo que a árvore esteja fora de vista, podemos afirmar com absoluta certeza que a sombra é de uma árvore; mas nem sempre podemos ter tanta certeza até que o objeto seja comparado com sua sombra. Ora, este é o princípio de interpretação que devemos seguir. A essência do Novo Testamento deve explicar a sombra no Antigo Testamento. A imaginação tem exercido um efeito ilimitado, e a confusão resultou no tratamento deste assunto devido à negligência deste princípio. Seguindo este princípio, esperamos ser capazes de explicar o ensinamento figurativo do tabernáculo e suas conexões de forma consistente e bela. Não presumiremos a verdade de nossa posição principal, mas a provaremos. Que o tabernáculo com seus serviços era considerado um símbolo, as seguintes escrituras serão suficientes para demonstrar: "Ora, tendo sido assim preparadas estas coisas (o tabernáculo e seus utensílios), os sacerdotes entravam continuamente no primeiro tabernáculo para realizar os serviços; mas no segundo, somente o sumo sacerdote, uma vez por ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelos pecados do povo; o ESPÍRITO SANTO SIGNIFICA ISTO que o caminho para o lugar santo ainda não foi manifestado, enquanto o PRIMEIRO tabernáculo ainda está de pé, o qual é uma parábola para o tempo presente. Por meio do TABERNÁCULO MAIOR E MAIS PERFEITO, não feito por mãos humanas," etc.

· Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens.

(Hebreus 9:6-11). "Era necessário, portanto, que as cópias das coisas celestiais fossem purificadas com estes sacrifícios (sangue de touros, etc.), mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou no santuário feito por mãos humanas, semelhante ao verdadeiro, mas no próprio céu," etc. (Hebreus 9:23-25). "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos preparou, um caminho novo e vivo, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com um coração sincero, em plenitude de fé, tendo os nossos corações purificados de uma consciência culpada e o nosso corpo lavado com água pura" (Hebreus 10:19, 20). Estas escrituras são suficientes para o propósito atual; elas mostram claramente que o primeiro

O tabernáculo era um tipo de um segundo tabernáculo, que o tabernáculo terrestre era uma representação do tabernáculo celestial; que o tabernáculo feito por mãos humanas era uma figura de um tabernáculo vindouro, feito "sem mãos", "que o Senhor ergueu e não o homem", que a sombra seria substituída pela 'verdade' (ou realidade). O Espírito Santo, em sua graça, nos concedeu uma interpretação geral distinta. Enquanto mantivermos essa visão geral em mente e trabalharmos sobre ela como nosso fundamento, não nos desviaremos muito.

A partir das escrituras acima, uma conclusão é inevitável, e eu a apresentarei aqui. Ela formará a base e o alicerce da superestrutura que estamos prestes a construir. Será bom — aliás, necessário, portanto — tê-la em mente. É esta: O TABERNÁCULO NO DESERTO ERA UM TIPO DA IGREJA DE JESUS CRISTO. Por Igreja de Cristo, refiro-me a Cristo e ao Seu povo, com tudo o que os une. Creio que cada passo que dermos nesta comparação será visto como um movimento em uma única direção, rumo a um objetivo sublime — um clímax que deixará a mente do leitor devoto em doce e abençoado repouso ao terminar esta pequena obra.

O ritual mosaico era de origem divina do princípio ao fim. Era, portanto, perfeito como sistema ritualístico. Mas era uma "sombra das coisas celestiais". As "coisas celestiais" devem, portanto, formar um SISTEMA. O que, por conveniência, chamamos de Cristianismo é esse sistema. Ora, o Cristianismo não é apenas a pessoa de Cristo, embora nos alegremos em saber que Ele é o centro, a pedra angular, o fundamento. O sistema cristão inclui Deus, a grande causa primeira; Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo; o Espírito Santo; a cruz, o túmulo e a ressurreição; a fé, o arrependimento, o batismo e uma vida consagrada; a igreja e suas ordenanças. Todas essas coisas eram simbolizadas no sistema mosaico. Não temos certeza se algum dos israelitas, ou mesmo Moisés, compreendeu isso; embora, sem dúvida, para os mais fervorosos e devotos entre eles, a lei fosse, em certo sentido, seu "mestre" para conduzi-los a Cristo. Mas, quer eles entendessem essas coisas antes ou não, quando Ele apareceu, o antítipo era tão claro que nenhum "espiritual" poderia se enganar.

Cristo e a verdade que Ele revelou tornaram-se, por assim dizer, uma chave pela qual os hieróglifos da lei podiam ser facilmente traduzidos. Dessa forma, a aliança na carne aparece como a sombra da aliança no espírito; a circuncisão na carne torna-se circuncisão do coração. Às vezes, as comparações se transformam em contrastes. "Não os filhos da carne", mas Israel, segundo a fé, são a descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. Não viemos ao Sinai com seus terríveis horrores, mas a Sião, a cidade do Deus vivo. Não Jerusalém, na Palestina, é o nosso lar glorioso, mas Jerusalém, acima de "a mãe de todos nós".

Quanto mais se aprofunda nessa comparação, mais claramente se torna que a mesma autoria divina está impressa tanto no Antigo quanto no Novo Testamento; e mais nos impressionamos com a maravilhosa sabedoria de Deus ao usar coisas tão simples para prenunciar as coisas estupendas da Redenção. A Bíblia se revela uma unidade. Como o tabernáculo, ela tem seu lugar santo e santíssimo — o Antigo e o Novo Testamento; e basta rasgar o véu para ver que ambos são um só. Ambos são obra do mesmo Espírito Santo. Ambos são produto de homens santos de Deus, que escreveram conforme eram movidos pelo Espírito Santo. Não há confusão, mas um desenvolvimento gradual da verdade divina rumo à perfeição. Natureza e revelação concordam. As mesmas leis de progresso e desenvolvimento governam ambas. O bulbo da tulipa contém a bela flor dentro de suas misteriosas dobras. Não fosse pela experiência, seria impossível adivinhar o que aquele bulbo se tornaria.

ao plantá-la na terra; mas quando perfeitamente desenvolvida, vemos claramente que um plano maravilhoso e belo foi executado, sendo o fim a doce flor que coroa o caule. Assim também com o Apocalipse. Paulo coloca desta forma: "A mim, o menor de todos os santos, foi-me dada esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo e de fazer com que todos vejam qual seja a dispensação do mistério que, desde todos os tempos, esteve oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que agora, pela igreja, seja manifestada a multiforme sabedoria de Deus aos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que ele estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Ef 3:8-11).

"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Pois quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu algo, para que lhe seja retribuído? Porque dele, por meio dele e para ele são todas as coisas; a ele seja a glória para sempre. Amém."

Capítulo II

Moisés Cristo

Já vimos, de forma geral, que Moisés era uma figura de Cristo. Examinemos mais a fundo essa verdade. Em nenhum aspecto Moisés se apresenta como uma figura de Cristo de forma mais marcante do que como o legislador de Israel. Quando desceu do monte santo, seu rosto resplandecia com a glória celestial, e como o povo não suportava a luz, ele cobriu o rosto com um véu. Isso nos lembra daquele que "veio de Deus" e "desceu do céu" para revelar a vontade de Deus ao homem.

Fazendo isso, Ele deixou de lado a glória que tinha com o Pai antes da criação do mundo e ocultou Sua natureza divina em carne humana. O apóstolo apresenta esse evento maravilhoso por meio de contraste.

É impossível usar uma linguagem mais expressiva e sublime. "Não vos aproximastes do monte palpável, que ardia em fogo, e da escuridão, e das trevas, e da tempestade, e do som da trombeta, e da voz de palavras; voz essa que os que ouviram suplicaram que nenhuma palavra mais lhes fosse dita, pois não podiam suportar o que lhes fora ordenado."

Se até mesmo um animal tocar o monte, será apedrejado; e tão terrível era a aparência que Moisés disse: Estou extremamente apavorado e tremendo. Mas vocês se aproximaram do monte Sião, da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e de incontáveis hostes de anjos, e da assembleia geral e igreja dos primogênitos, cujos nomes estão inscritos nos céus, e de Deus, o juiz de todos, e dos espíritos dos justos aperfeiçoados, e de Jesus, o mediador da nova aliança, e do sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel" (Hebreus 12:18-24).

O contraste acima encontra seu toque final nos fatos que se seguiram à entrega da lei, tanto da antiga quanto da nova aliança. Durante a ausência de Moisés no monte, o povo se entregou à idolatria. Por esse pecado, três mil rebeldes pereceram pelas espadas de seus próprios irmãos. Mas quando a lei do evangelho foi proclamada pela primeira vez no Monte Sião, três mil almas foram salvas (Atos 2). Esta é uma ilustração solene da verdade: "A letra (a lei de Moisés) mata, mas o espírito (o evangelho) vivifica" (2 Coríntios 3:6).

Mas Moisés não apenas recebeu a lei dos Dez Mandamentos quando estava no monte santo. Ele também recebeu sob sua responsabilidade um modelo perfeito, ou "padrão", do tabernáculo. É importante aqui enfatizar a verdade de que Moisés estava relacionado ao tabernáculo da mesma forma que Jesus Cristo está relacionado à Sua Igreja. Em Hebreus 3:1-6, lemos: "Portanto, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerem o apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão, Jesus, que foi fiel àquele que o constituiu, assim como Moisés foi fiel em toda a sua casa. Pois ele foi considerado digno de maior glória do que Moisés, assim como aquele que construiu a casa tem mais honra do que a própria casa. Porque toda casa é construída por alguém, mas quem construiu todas as coisas é Deus. E Moisés, de fato, foi fiel em toda a sua casa, como servo, para testemunho das coisas que depois seriam anunciadas. Mas Cristo, como Filho, sobre a sua casa, cuja casa somos nós." Nesta passagem, o APOSTOLADO de Cristo está em foco. Moisés era uma figura de Cristo como Apóstolo, ou seja, alguém enviado em missão divina. Arão era uma figura do Seu sacerdócio (de Cristo), que é abordado mais adiante na epístola. A missão de Moisés era construir a casa de Deus. Os detalhes da obra foram minuciosamente descritos, e Moisés não tinha liberdade para se desviar das especificações que recebera, nem mesmo no menor detalhe. "Vê", disse Ele, "que faça tudo segundo o modelo que te foi mostrado no monte santo". Moisés "foi fiel". Ele cumpriu a vontade de Deus em todas as coisas. Deus tinha um grande propósito em vista na construção do tabernáculo, e o menor desvio teria comprometido esse propósito. Não sabemos se Moisés compreendeu esse propósito, mas sabemos que ele foi extremamente cuidadoso em garantir que a construção fosse fiel ao "modelo". "Os filhos de Israel fizeram toda a obra conforme tudo o que o Senhor ordenara a Moisés. Moisés observou toda a obra e viu que a tinham feito exatamente como o Senhor ordenara; assim a fizeram. Então Moisés os abençoou."

Nessa grande missão, Moisés é uma representação de Jesus. Como o "Apóstolo" de Deus, o Senhor Jesus "desceu do céu não para fazer a minha vontade", diz ele, "mas a vontade daquele que me enviou".

E novamente: "O meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou... quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas quem busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça. Moisés não vos deu a lei?... A lei de Moisés não pode ser anulada" (João 8:16-23). Novamente, Ele diz: "Quando levantardes o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou, e que nada faço por mim mesmo, mas falo estas coisas como o Pai me ensinou. Aquele que me enviou está comigo; não me deixou só, porque eu sempre faço o que lhe agrada" (João 8:26-29). A missão de Jesus era "buscar e salvar o perdido".

— libertar os homens do poder das trevas e restaurá-los à santidade e a Deus. Esta grande obra foi concluída em duas partes: primeiro, lançando o fundamento da casa espiritual de Deus; e segundo, construindo o edifício. A primeira parte desta grandiosa obra foi realizada no ministério de Cristo na Terra e concluída em sua ressurreição e ascensão ao céu. A segunda parte foi iniciada no dia de Pentecostes e concluída pelos apóstolos. Mas toda a obra de construção do "verdadeiro tabernáculo" foi confiada a Jesus. Ele é o autor e consumidor da fé. "Toda a autoridade no céu e na terra" pertence a Ele. Lucas fala de tudo o que Jesus fez na Terra como apenas o início de sua grande obra (Atos 1:1). E nosso Senhor disse: "Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18).

Assim, o grande antítipo de Moisés como legislador divino e mestre construtor está diante de nós. Aquele que criou os mundos, e "por quem"

"Todas as coisas foram criadas" também é o construtor de um edifício ainda maior: a casa de Deus. Na construção do universo material, do mundo mais grandioso ao menor inseto, prevalece a ordem perfeita. O mesmo se aplica ao sistema mosaico e também ao sistema cristão. Deus é um Deus de ordem. Existe uma "lei do espírito da vida", assim como existe "a lei do pecado e da morte". O "modelo" do tabernáculo no deserto, estabelecido por Deus, era perfeito. Ninguém ousava acrescentar ou tirar algo dele, sob pena de morte. Será Deus menos zeloso de Sua vontade em relação ao "verdadeiro" tabernáculo, do qual o primeiro era apenas uma sombra? O desrespeito a essa questão importantíssima resultou em inúmeras divisões e seitas entre aqueles que professavam ser servos fiéis de Jesus Cristo. Agiram como se cada homem fosse "uma lei para si mesmo" e como se Deus tivesse declarado que cada um poderia fazer o que lhe parece reto. Mas não é assim. A nova aliança é uma Revelação de Deus, e Seus termos devem ser obedecidos. O reino dos céus está entre nós, e as leis da cidadania devem ser cumpridas. A Igreja de Cristo está na Terra, e seus preceitos não devem ser violados. Essas coisas estão diante de nós no Novo Testamento e manifestam a sabedoria e a glória de Deus. O sistema é divinamente belo e completo; e adaptado ao homem em todo o mundo e para todos os tempos. Lembremo-nos, então, de que a transgressão da lei divina sempre traz maldição.

Capítulo III

TRABALHADORES INSPIRADOS

Vamos agora avançar um pouco e considerar outro ponto importante de semelhança entre o tabernáculo de Moisés e "o verdadeiro tabernáculo que o Senhor ergueu e não o homem". Na construção de ambas as casas, foram empregados artífices inspirados. Deus disse a Moisés: "Eis que chamei pelo nome Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá; e o enchi do Espírito de Deus em sabedoria, e entendimento, e em conhecimento, e em toda sorte de trabalho; para elaborar obras de arte, para trabalhar em ouro, e em prata, e em bronze, e em lapidar pedras para engaste, e em entalhar madeira, para trabalhar em toda sorte de trabalho. E eis que designei com ele Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, e nos corações de todos os sábios pus sabedoria, para que façam todas as coisas que te ordenei" (Êxodo 31:1-6). Aqui vemos que vários homens foram escolhidos por Deus e cheios do Seu Espírito Santo, por cujo poder eram especialmente hábeis e plenamente qualificados para executar o ideal divino do tabernáculo em todos os seus detalhes. Seus dons eram múltiplos e variados, de acordo com as diferentes exigências do trabalho. Não parece que tivessem recebido qualquer treinamento prévio nas diversas artes, ou que fossem naturalmente qualificados, mas a inferência aponta na direção oposta. Eles haviam sido escravos no Egito. Sua condição não era, de forma alguma, propícia ao cultivo das artes. É, portanto, altamente provável que Deus tenha escolhido esses homens, por mais inadequados que fossem naturalmente para a obra, para que ficasse evidente que eram inspirados e que a glória fosse atribuída a Deus. A ideia era divina; o modelo era divino; e a sabedoria e o poder para executá-lo também eram divinos; portanto, não havia espaço para meras ideias e métodos humanos. Deus era o arquiteto, Moisés era o mestre de obras, e Bezalel e seus companheiros eram os operários. Não faz parte do dever do operário, ao trabalhar em uma construção, alterar o projeto do arquiteto ou desviar-se das especificações no menor detalhe; seu dever é, sim, executar fielmente as instruções que lhe foram dadas em relação ao seu trabalho.

departamentos específicos. Ao fazer isso, cada parte contribui para a completude e harmonia do todo. Assim foi com os operários no tabernáculo. Cada homem trabalhou em perfeita consonância com as instruções, e no final o tabernáculo foi formado com tudo o que lhe pertencia, exatamente de acordo com o modelo mostrado a Moisés no monte.

Há um mundo de significados nos nomes bíblicos. Muitas vezes, eles são proféticos. De maneira maravilhosa, indicam o próprio caráter, ofício e até mesmo o destino das pessoas que os carregam. Os nomes dos dois principais operários do tabernáculo são maravilhosamente sugestivos. Bezeel significa "à sombra (ou proteção) de Deus". Aoliabe significa "tenda do Pai"; e, de fato, eles devem ter se sentido perfeitamente seguros sob a "sombra do Todo-Poderoso" enquanto trabalhavam fielmente na "tenda de seu Pai". E assim podemos nós, se seguirmos o que é bom e nos contentarmos em obedecer à vontade de nosso Pai em todas as coisas.

Ora, esses obreiros inspirados ocupavam exatamente o mesmo lugar em relação ao "primeiro tabernáculo" que os apóstolos de Jesus Cristo ocupam em relação ao "segundo". Eles, os apóstolos, não eram naturalmente qualificados. Não receberam nenhuma formação prévia para sua grande obra apostólica. Eram, aos olhos dos homens cultos, e de fato eram, "homens iletrados e ignorantes". E embora tivessem seguido Jesus e ouvido Sua maravilhosa doutrina, quando Ele partiu, deixou-os em completo desconhecimento quanto à verdadeira natureza da obra que os aguardava. Por isso, Jesus lhes disse para "permanecerem em Jerusalém até que do alto sejam revestidos de poder". Pouco tempo antes de Seu sofrimento, Jesus graciosamente prometeu repetidas vezes o dom do Espírito Santo. Ele sabia que, para que pudessem cumprir Sua grande comissão, que lhes confiou após Sua ressurreição (Mateus 28:18-20), era essencial que fossem revestidos de uma orientação sobre-humana e infalível. Daí Suas repetidas declarações a respeito do derramamento do Espírito Santo: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade; o qual o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece." "Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que eu vos tenho dito" (João 14:16,17,25,26). "Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, ele testemunhará de mim; e vós também testemunhareis de mim, porque estais comigo desde o princípio" (João 15:26,27). "É conveniente para vocês que eu vá, pois, se eu não for, o Consolador não virá a vocês; mas, se eu for, eu o enviarei. E ele, quando vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo... ainda tenho muito o que lhes dizer, mas vocês não o podem suportar agora. Quando vier o Espírito da verdade, ele os guiará a toda a verdade; pois não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e anunciará a vocês as coisas que estão por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o anunciará a vocês" (cap.

. Eu tenho

(16:7-14). "Estando reunido com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água; mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias."

(Atos 1:4, 5).

A partir dessas Escrituras, vemos que os apóstolos escolhidos de Cristo não deveriam começar sua grande obra de pregar o evangelho e construir o verdadeiro tabernáculo até que o Espírito Santo viesse sobre eles, que o Espírito fosse derramado sobre eles em tal abundância que fossem "batizados" nele; que esse mesmo Espírito o mundo, como tal, não poderia receber; que Ele viria como um "consolador", que lhes recordaria todos os ensinamentos anteriores de Cristo, os guiaria a toda a verdade e lhes revelaria o futuro; que Ele falaria por meio deles toda a verdade de Cristo.

Assim, os apóstolos inspirados de Jesus eram divinamente qualificados para sua grande obra. E para que fossem armados com autoridade suficiente, Deus operou com eles, "testificando com eles por sinais e prodígios, e por diversos poderes, e por dons do Espírito Santo, segundo o seu próprio poder" (Hebreus 2:4). Eles também eram capazes, pelo poder de Deus, de matar (Atos 5) e de dar vida (Atos 9:36-43); podiam "reter" pecados e podiam "remiti-los"; eles representavam e eram a voz de Cristo e de Deus. "Quem vos ouve, a mim me ouve; quem vos rejeita, a mim me rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou." Aqui está uma corrente de três elos: Deus, Cristo e os apóstolos; Deus no céu, Cristo, o mediador, e os apóstolos na terra. Quem compreende o elo apostólico compreende Cristo e Deus Todo-Poderoso. Que eu não seja mal interpretado. Os apóstolos ocupam este importantíssimo cargo devido aos seus ensinamentos infalíveis.

É maravilhoso que Deus tenha dado tanto poder ao homem; mas esse é o Seu plano, e devemos nos submeter com alegria.

A igreja primitiva reconhecia plenamente essa autoridade. "Eles perseveravam no ensino dos apóstolos" (Atos 2). Sabiam que eram embaixadores de Cristo e que, portanto, a sua palavra era definitiva em tudo o que dizia respeito à fé em Cristo. Hoje, essa mesma autoridade apostólica está em vigor. Os apóstolos não têm sucessores; nenhum é necessário. A fé, em toda a sua plenitude, foi entregue aos santos por meio deles, "de uma vez por todas", e está contida no Novo Testamento. Todas as tentativas de acrescentar ou diminuir a autoridade dos apóstolos, seja por meio do trono, do Estado, do parlamento, do sínodo, da conferência, do Papa ou de conselhos, são atos de rebelião contra a vontade de Deus. Jesus reconheceu que o mundo só poderia ser convertido "por meio da palavra deles" (João 17:20). E Pedro afirma que Deus lhes havia confiado "todas as coisas relativas à vida e à piedade". Concluimos, então, reiterando o fato de que os obreiros inspirados no primeiro tabernáculo eram figuras dos obreiros inspirados no segundo, e que assim como os primeiros construíram, com precisão e plenitude, o primeiro tabernáculo de acordo com o "modelo" divino, os apóstolos de Jesus Cristo, sob a inspiração do Espírito Santo, desenvolveram e completaram o sistema cristão; e a grande lição que devemos aprender com isso é a aceitação plena e irrestrita da verdade como a encontramos no Novo Testamento. Se todos os que professam crer em Jesus aceitassem essa regra e se esforçassem juntos pela fé do evangelho, o resultado seria a UNIDADE: "Um só corpo, um só espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo e um só Deus e Pai de todos". Oxalá todos os que amam o querido Senhor Jesus compreendessem essa grande verdade fundamental, então...

"Nomes, seitas e partidos caem,
E que Jesus Cristo seja tudo em todos."

Capítulo IV

OS MATERIAIS

O Tabernáculo e seus móveis eram feitos de diversos materiais preciosos: ouro, prata, bronze, pedras preciosas, madeira de acácia, linho fino, peles valiosas, tinturas, bordados suntuosos, etc. O primeiro ponto que podemos observar com proveito é que todos esses itens eram ofertas voluntárias do povo de Deus.

"E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel que me tomem uma oferta; de todo aquele cujo coração o quiser, tomareis a minha oferta," etc. (Êxodo 11:10)

25:1-9). "E vieram todos aqueles cujo coração os impeliu, e todos aqueles cujo Espírito os tornou dispostos, e trouxeram a oferta do Senhor, para a obra da tenda da congregação, e para o seu serviço, e para as vestes sagradas. E vieram tanto homens como mulheres, todos os que tinham o coração disposto, e trouxeram broches, brincos e anéis de sinete," etc. (cap. 35:20-24).

"E eles (os trabalhadores) receberam de Moisés todas as ofertas que os filhos de Israel haviam trazido para a obra do serviço do santuário, para o fazerem; e traziam-lhe ainda ofertas voluntárias todas as manhãs... o povo trazia muito mais do que o suficiente para o serviço da obra que o Senhor nos ordenou fazer. E Moisés deu ordem, e fizeram proclamar por todo o acampamento, dizendo: Que nem homem nem mulher faça mais trabalho para as ofertas do santuário; e assim o povo foi impedido de dar" (Êxodo 11:10).

36:3-6.) Assim, ao chamado divino, o povo respondeu com tamanha liberalidade que precisou ser impedido de dar! Um belo exemplo de abnegação!

Neste incidente, temos uma ilustração do princípio da voluntariedade que permeia todo o esquema da redenção humana, desde sua primeira grande causa até seu último efeito. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito", e Jesus "nos amou e se entregou por nós". "Pela graça somos salvos, mediante a fé; e isto não vem de nós, é dom de Deus". "Todos vocês que têm sede, venham às águas; e vocês que não têm dinheiro, venham, comprem e comam sem dinheiro e de graça". Deus se deleita em dar. Ele dá todas as coisas: a vida e o que ela nos proporciona; a salvação; e todo o seu tremendo custo. E Ele se deleita nas ofertas voluntárias de suas criaturas. Ele não força ninguém.

A doutrina da "influência irresistível do Espírito Santo" se opõe ao gênio e ao espírito da Bíblia. Se Cristo está à porta do coração humano, chamando e batendo, nós mesmos devemos abrir e deixá-Lo entrar; se Deus diz: "Todos vocês que estão com sede, venham às águas", NÓS MESMOS DEVEMOS VIR e beber. Ele não nos forçará. Se os homens NÃO QUISEREM vir para terem vida, eles perecerão. Deus não os forçará. Ele disse: "O meu povo será um povo disposto no dia do meu poder". Quão verdadeiramente isso se aplica à religião cristã! No dia de Pentecostes, o povo "primeiro se entregou ao Senhor" sob o poderoso apelo do apóstolo Pedro, e então ocorreu um incidente que coincide maravilhosamente com o incidente narrado acima. Assim como o povo trouxe livremente seus bens quando Moisés o chamou, também, quando o povo "recebeu com alegria a palavra do apóstolo e foi batizado", lemos que "nenhum deles dizia que coisa alguma do que possuía era sua... e todos os que possuíam casas ou terras as vendiam, traziam o preço da venda e o depositavam aos pés do apóstolo; e a distribuição era feita a cada um segundo a sua necessidade" (Atos 4:32-34). Como a verdade em Cristo deve ter tocado seus corações! Oh, se os crentes compreendessem a salvação de Deus agora como eles a compreenderam, não haveria necessidade de implorar e orar por ela.

Pouco dinheiro para continuar a obra do Senhor. Não há nenhuma lei na nova aliança dizendo "Dê". Deus nos deixou propositalmente livres para fazer o que nosso coração nos inspira. "Se houver primeiro a boa vontade, ela será aceita segundo o que alguém tem, e não segundo o que não tem." "Mas digo isto: aquele que semeia pouco, pouco também colherá; e aquele que semeia em abundância, em abundância também colherá. Cada um dê conforme propôs no seu coração, não com tristeza nem por obrigação, pois Deus ama ao que dá com alegria" (2 Coríntios 8:12; 9:6-8).

Mas enquanto formos deixados assim livres, quem tiver a mais tênue noção do valor do "dom inefável" de Deus para nós não se atreverá a dizer: "Se todo o mundo natural fosse meu, seria uma oferenda muito pequena. Um amor tão maravilhoso, tão divino, exige minha alma, minha vida, meu tudo."

Em segundo lugar, podemos observar que, para suprir as necessidades do tabernáculo, somente o povo de Deus foi invocado. Pode-se dizer que eles não poderiam fazer mais nada; mas isso seria presumir demais. O fato de não terem mendigado do mundo exterior está de acordo com a prática dos primeiros cristãos. Eles não aceitavam nada dos pagãos para se sustentarem na pregação do evangelho ou na edificação da igreja.

Em terceiro lugar, a preciosidade dos materiais usados no tabernáculo aponta para as "insondáveis riquezas de Cristo". Por meio dessas coisas que os HOMENS tanto valorizam, a riqueza inestimável do evangelho é revelada. Tudo aqui é precioso. Jesus é precioso, para Deus e para nós; a paz e o perdão são preciosos; a presença de Cristo e o consolo do Espírito Santo são preciosos; e a gloriosa esperança da vida eterna é preciosa. Tudo é precioso para nós que cremos.

CAPÍTULO V

O TRIBUNAL

O recinto, chamado pátio do tabernáculo, tinha 100 côvados de comprimento e 50 de largura. Sua forma era um quadrado oblongo. Um côvado correspondia a 1,824 pés. Portanto, o comprimento era de aproximadamente 185 pés e a largura de aproximadamente 88 pés. O tabernáculo ficava dentro deste recinto, próximo à extremidade oeste, voltado para o leste. O recinto era formado por uma cortina de linho fino torcido, firmemente sustentada por sessenta colunas de bronze, vinte no lado norte, vinte no lado sul e dez em cada extremidade. As colunas eram encaixadas em bases de bronze e coroadas com capitéis de prata. Na extremidade leste ficava o "portão do pátio", com cerca de 35 pés de largura. Era formado por uma bela cortina de linho fino torcido em tons de azul, púrpura e escarlate. A cortina era sustentada por quatro colunas, uniformes com o restante do recinto. Assim, o recinto era alto o suficiente para impedir que o tabernáculo fosse visto por todos, exceto por aqueles que chegavam à entrada designada e desejavam entrar com suas ofertas. Não lemos que o recinto era acessível a todos, fossem eles inclinados à adoração ou não; mas apenas (ao que parece) àqueles que vinham oferecer sacrifícios. A bela cortina do "portão" era sem dúvida mantida fechada, mas sempre prontamente aberta para permitir a entrada de qualquer pessoa que desejasse se aproximar de Deus.

Agora podemos aprender pelo menos três lições muito valiosas com este recinto.

1. As profundezas de Deus em Cristo, "as coisas do Espírito de Deus", não estão expostas ao olhar descuidado ou crítico de todos. Antes que um homem possa compreendê-las e apreciá-las, ele precisa se aproximar o suficiente para a compreensão. Deus escondeu essas coisas dos sábios e prudentes (mundanos) e as revelou aos pequeninos. É necessário um espírito humilde e ensinável, e um coração disposto, pois "se alguém quiser fazer a vontade de Deus, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se é dos homens". O "coração honesto e bom" foi o único solo fértil no qual a semente do Reino criou raízes e frutificou. Nosso Senhor disse aos judeus: "Vocês não creem porque não são minhas ovelhas". Ou seja, eles não tinham a disposição submissa e obediente para segui-Lo, como ovelhas, seu pastor, e, portanto, não podiam crer. É assim que o cético encontra tanto na Bíblia para criticar, enquanto o cristão vê beleza em cada página, em cada versículo. Para os que perecem na incredulidade, as coisas de Deus são loucura; mas para os que creem, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Tudo isso parece prefigurado pelo recinto do átrio do tabernáculo. Sejamos, pois, sábios; cheguemos à porta; entremos com sacrifício e oferta. "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."

2. O portão era largo. Todos os que desejassem vir à presença de Deus com arrependimento e oferta eram livres para fazê-lo. Assim, a porta da misericórdia permanece escancarada, e "todo aquele que quiser" pode entrar. As próprias cores das cortinas do portão do pátio eram sugestivas. O azul aponta para o céu; o púrpura fala de realeza; o escarlate (extrato de verme) fala de humildade e sofrimento; o linho branco puro sugere santidade. Tudo se resume em Jesus Cristo. Ele veio do céu, o Filho real do Deus vivo, para se humilhar e se tornar obediente até a morte, a fim de nos redimir com o seu preciosíssimo sangue, e se ofereceu imaculado a Deus. Como tal, Ele é "o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Ele".

3. Os "capitéis" ou capitéis que coroavam as colunas de bronze eram feitos do dinheiro da expiação, tomado dos israelitas no momento do recenseamento. Todos os homens a partir dos vinte anos de idade eram obrigados a dar meio siclo de prata como resgate (Êxodo 30:11-16), equivalente a 1/2. Os ricos não podiam dar mais, nem os pobres menos. Assim, ao considerar os recursos de todos, Deus também os ensinou a necessidade de uma redenção comum para todos. O apóstolo parece se referir a essa instituição quando diz: "Pois não fostes resgatados com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula", e nessa redenção, assim como em sua figura, "Deus não faz acepção de pessoas". "Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus."

Esses capítulos, portanto, lembravam constantemente o israelita do preço de sua redenção. Agora, ressaltei que o tabernáculo estava oculto do observador descuidado e indiferente.

Mas essas tampas de prata estariam sempre à vista, estando nas colunas de bronze e elevando-se acima da cortina. Isso sugere um ponto importante: a necessidade de manter a cruz de Cristo, ou melhor, Cristo crucificado, diante do mundo. É dever e privilégio da Igreja pregar o evangelho a toda criatura, apontando-lhes o preço da redenção humana. A pregação de Cristo é o que atrai o pecador a Deus. "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo." "Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê." A redenção deve ser o ponto principal na pregação do evangelho.

A pregação se perde — torna-se inútil — porque os pregadores não se concentram na verdade vital e salvadora. Por outro lado, o testemunho silencioso da vida redimida do cristão também é sugerido por essas coroas de prata. Esta é uma maneira — talvez a mais reveladora — pela qual todos podem e devem pregar a Cristo. "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus." "Vós fostes comprados por um preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, que lhe pertencem."

"Toma a minha vida e que ela
seja consagrada a Ti, Senhor."

CAPÍTULO VI

A ESTRUTURA

A planta do tabernáculo era semelhante em forma e proporção ao pátio. Suas paredes eram formadas por 48 tábuas de madeira de acácia, revestidas com ouro puro. Essas tábuas tinham 17 pés e meio de comprimento por 2 pés e meio de largura.

Eles estavam fixados perpendicularmente em encaixes de prata. Havia 96 encaixes, cada um com um talento de prata, cujo valor em nossa moeda seria de £34.200. Havia 20 tábuas de cada lado e 8 na extremidade oeste. Elas estavam firmemente unidas por meio de anéis de ouro e barras horizontais de madeira revestidas de ouro. Na extremidade leste, ou entrada, havia cinco pilares de madeira revestidos de ouro para a porta. Quatro pilares do mesmo material foram fixados transversalmente no interior do edifício, um pouco mais da metade, para o véu; que separava o lugar "santo" do lugar "santíssimo". Toda a estrutura era, ao mesmo tempo, simples e rica além da descrição. Era maravilhosamente adaptada às circunstâncias. Foi construída com base em princípios estritamente científicos. Embora sua durabilidade e resistência fossem muito grandes, foi construída de forma que pudesse ser desmontada ou montada em pouco tempo.

O próprio tabernáculo era um tipo da Igreja. Quero que isso seja mantido sempre em mente. Bem, sendo assim, o que devemos aprender com sua estrutura geral? 1º. Que a Igreja de Deus é maravilhosamente simples e gloriosamente rica; e maravilhosamente adaptada às necessidades do homem em todas as épocas e lugares. É um sistema perfeito. É impossível aprimorar a Igreja do Novo Testamento, embora muitos tenham tentado fazê-lo. Mas eles apenas demonstraram sua tolice. 2º. As tábuas foram encaixadas em maciços soquetes de prata, feitos com o dinheiro do resgate, mencionado anteriormente; representando o preço da expiação! Como somos aqui novamente lembrados do fundamento da Igreja de Deus. Ela repousa sobre a expiação de Cristo, que é inestimável. Por Sua morte

Ele lançou o fundamento sobre o qual a Igreja está edificada. "Ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo." Estamos edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (isto é, o fundamento sobre o qual eles edificaram), sendo o próprio Jesus Cristo a principal pedra angular.

3º. Pela unidade compacta do tabernáculo, estabelece-se a unidade do sistema cristão e da Igreja de Jesus Cristo. Assim como havia apenas uma entrada e um tabernáculo, também há apenas um caminho de salvação e uma Igreja. Aos Efésios, Paulo escreveu: "Eu, portanto, prisioneiro do Senhor, rogo-vos que andeis de maneira digna da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e humildade."

mansidão; com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, e por meio de todos, e em todos" (Efésios 4:1-6). Aos coríntios, o mesmo apóstolo escreve: "Aperfeiçoai-vos juntos no mesmo pensamento e no mesmo parecer". Novamente, ele diz: "Todo o edifício, bem ajustado, cresce para ser um templo santo (santuário) no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados, para morada de Deus no Espírito". Nosso bendito Senhor também orou com estas palavras: "Oro para que todos sejam um, assim como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, que eles também sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste".

Não há como se enganar quanto a esse ensinamento. O propósito de Deus é que haja uma só "cabeça" — Cristo e "um só corpo" — a Igreja; que não haja "divisão no corpo", mas que todo o povo de Cristo seja um; que essa unidade não seja um mero sentimento, mas um fato que impressione "o mundo" com a origem divina de seu fundador; e que é dever de todos os que professam ser de Cristo lutar para alcançar e manter essa unidade. E como alguém que professa amar o Senhor Jesus, diante de Sua fervorosa oração citada acima, pode apoiar ou defender o sectarismo, é algo que me escapa à compreensão. Milhares de cristãos professos, imersos em uma vasta rede de sectarismo, em vez de se esforçarem para romper com ela, procuram desculpas e até argumentos a seu favor. Mas o sectarismo jamais poderá ser defendido pela Palavra de Deus. De fato, as Escrituras o denunciam e o condenam em termos inequívocos. "Quero dizer, porém, que cada um de vocês afirma: 'Eu sou de Paulo'; e eu de Apolo; e eu de Cefas; e eu de Cristo'. Será que Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado por vocês? Ou vocês foram batizados em nome de Paulo?" (1 Coríntios 1:10-13). "Irmãos, eu não pude falar com vocês como a espirituais, mas como a carnisais, como a crianças em Cristo. Dei-lhes leite, e não alimento sólido, porque vocês não podiam recebê-lo. Aliás, nem agora podem, porque ainda são carnisais. Pois, visto que há entre vocês ciúmes e discórdia, não estão sendo carnisais e vivendo segundo os costumes dos homens? Porque, quando alguém diz: 'Eu sou de Paulo', e outro: 'Eu sou de Apolo', não estão sendo homens? Afinal, quem é Apolo? E quem é Paulo? Apenas ministros pelos quais vocês creram, cada um conforme o Senhor lhe concedeu." (1 Coríntios 3:1-13)

5) Na igreja de Corinto apareceram os primeiros sinais — quem dera tivessem sido os últimos — de divisões sectárias e denominações partidárias. E, assim que surgiram, a voz da inspiração prontamente os condenou como carnisais e contrários ao doce espírito de união que foi insuflado na Igreja primitiva. União é força. É "uma coisa bela e uma alegria para sempre", quando santidade, pureza e amor são os laços. Bem poderia o Salmista cantar: "Eis que bom e quão agradável é que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso derramado sobre a cabeça, que desce pela barba, a barba de Arão, e chega até a orla das suas vestes; como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordena a sua bênção, a vida para sempre" (Salmo 133). Essas duas figuras, unguento e orvalho, expressam fragrância e refrescância, e descrevem belamente os prazeres da união cristã.

"Quão doce, quão celestial é a visão, quando
aqueles que amam o Senhor se
deleitam na paz uns dos outros e
assim cumprem a Palavra."

Quando cada um puder sentir o suspiro do seu
irmão, e com ele compartilhar
algo; quando a tristeza fluir de olho em olho,
e a alegria de coração em coração.

Quando livre de inveja, desprezo e orgulho,

Nossos melhores desejos estão

acima de tudo, cada um pode esconder as falhas do seu irmão.

E demonstre amor fraternal.

Quando o amor, em uma corrente deliciosa,
flui por cada peito; quando a doce
união e a querida estima resplandecem em
cada ação.

Se perguntarem: "Como a união cristã pode ser alcançada?", a resposta é simples. Assim como os israelitas se comprometeram e seguiram Moisés como seu líder e legislador, e ninguém mais, também nós devemos seguir a Cristo, e ninguém mais. O Novo Testamento é o Seu livro de leis, dado para nossa única orientação. Ao nos contentarmos somente com isso, sem credos ou lideranças humanas, inevitavelmente nos tornaremos um na fé e um na vida.

CAPÍTULO VII

A COBERTURA

Havia quatro coberturas para o tabernáculo, colocadas uma sobre a outra. Parece estranho que houvesse tantas; mas talvez seu simbolismo seja a melhor explicação. Observo que a palavra "expição" no Antigo Testamento é, em hebraico, uma palavra que significa cobertura. Isso evoca fortemente o incidente relacionado à queda de nossos primeiros pais. Lemos que, após a queda, eles se envergonharam de sua nudez e fizeram aventais de folhas de figueira. Mas Deus não se agradou dessa cobertura. Com Suas próprias mãos, ao que parece, Ele fez para Adão e sua esposa túnicas de peles e os vestiu. Ora, não é razoável supor que os animais que foram mortos para obter peles foram os primeiros oferecidos em sacrifício? Caim e Abel entenderam sobre

Sacrifícios; de onde eles obtiveram seu conhecimento? Certamente de seus pais, que por sua vez receberam suas informações diretamente de Deus. Supondo então que assim fosse, quão belo é o espetáculo?

Embora Jeová faça a promessa graciosa da descendência da mulher, Ele nos dá uma lição prática no massacre de vítimas inocentes: e com suas peles cobre a vergonha do homem pecador. Será que nossos primeiros pais compreenderam o simbolismo sublime? Não sabemos. Mas para nós, como esse incidente nos lembra de forma marcante do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo", por cujo sangue temos a redenção e por cuja justiça nossa vergonha é coberta! Afinal, todos os símbolos de Cristo no Antigo Testamento apenas parcialmente representam a Redenção que está em Cristo Jesus. O uso de uma cobertura servia para esconder, não para obliterar ou apagar. Mas em Cristo, nossos pecados são "apagados" — purificados. A mancha, a culpa, a vergonha, são removidas. Não são mais lembradas. Não podemos esquecê-las, a ferida é profunda e dolorosa demais para que a esqueçamos. Mas Deus diz: "Seus pecados..."

e das suas iniquidades não me lembrarei mais." Não apenas cobertos, mas apagados; não apenas perdoados, mas esquecidos. Somos "justificados", declarados "justos". "Justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." "Ele se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção." Não seria então que as coberturas do tabernáculo falam de expiação? Mas examinemos essas coberturas separadamente.

COBERTURA DE PELE DE TEXUGO.

A cobertura mais externa, que escondia completamente todo o resto, era feita de peles de texugo (alguns acreditam que se tratava de peles de foca, outros de boto). Esse material era muito adequado para resistir às mudanças climáticas. Sua aparência era escura, rústica e pouco atraente. Pelo Cântico dos Cânticos, capítulo 1:5, parece que as tendas, naquela época, eram geralmente feitas de um material escuro. Em um capítulo anterior, notamos que o tabernáculo estava oculto aos olhos do público. Mas mesmo visto de fora, não havia beleza nele. Ora, nessa simplicidade exterior, creio que encontramos um fato importantíssimo. Primeiro, quanto à pessoa de nosso bendito Senhor na Terra. O profeta Isaías predisse: "Seu rosto estava tão desfigurado quanto o de qualquer homem, e sua aparência, mais do que a dos filhos dos homens" (Isaías 52:14). "Ele crescerá diante d'Ele como um renovo tenro, e como raiz que sai de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura; e, olhando para Ele, não víamos nenhuma beleza que nos atraísse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores e familiarizado com o sofrimento; e, como alguém de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e nós não o tínhamos em consideração."

Isaías 53:2,3. Tudo isso, como todo leitor da Bíblia sabe, se cumpriu à risca em Jesus, o Nazareno.

Não é de admirar que o orgulhoso judeu se sentisse ofendido e suas ideias de decoro abaladas quando o pobre carpinteiro de Nazaré afirmou ser o Messias, a esperança de Israel! Os pintores costumam se deleitar em representar Jesus com uma presença majestosa, um rosto divino e uma auréola de luz ao redor de sua cabeça.

Bem, eu acho que é muito natural, mas tudo isso é um erro. Se Ele alguma vez teve alguma beleza natural, Sua exposição, pobreza, tristezas e trabalhos foram mais do que suficientes para apagá-la. É mais coerente com a razão e as Escrituras representar Seu rosto e forma mais marcados do que é comum entre os filhos dos homens.

Por que isso acontecia? Porque Seu propósito não era "atrair o olhar carnal". Não a glória de Sua forma, mas Seu caráter e obra, deveriam ser a atração. 2º. O mesmo se aplica à Igreja de Cristo. "O reino dos céus (do qual a Igreja de Deus forma uma parte importante) não vem com aparência exterior." Ela não foi introduzida no mundo com pompa e grande ostentação. Os apóstolos, como seu Mestre, eram camponeses, de nascimento e ambiente humildes. A Igreja que eles edificaram era a própria simplicidade. Seus atrativos eram essencialmente e totalmente espirituais. Ela não tinha honras mundanas a oferecer; mas muita cruz, pobreza e sofrimento por amor a Cristo. Sua fé, sua doutrina, suas ordenanças eram todas igualmente "loucura para os que estavam perecendo". Seus locais de reunião eram "cavernas da terra", cenáculos ou campos abertos. Contudo, ela saiu conquistando e para conquistar. Fez-se sentir em todos os lugares, da choupana ao trono, e de uma extremidade da terra à outra. O cristianismo, tal como foi transmitido por Cristo e pelos apóstolos, era severamente contrário a todas as vaidades da pompa e da ostentação, e o seu espírito não se alterou. A sua natureza não mudou.

O que dizer, então, do orgulho e da vaidade das igrejas e dos professores religiosos da atualidade?

O que significam nossos grandes edifícios, vitrais, órgãos caros, ministros com altos salários e "congregações da moda", senão um afastamento da simplicidade que há em Cristo Jesus?

Embora certas coisas possam conquistar a aprovação dos homens, especialmente dos homens mundanos, elas enfraquecem e paralisam o poder espiritual da igreja. Elas atenuam a nítida linha divisória entre a igreja e o mundo; levam a distinções e ao respeito entre as pessoas na igreja de acordo com sua posição social; abrem caminho para a membresia sem conversão. O cristianismo não precisa de tais acessórios. Ele progride muito melhor sem eles; não em ganhar multidões de admiradores, mas em salvar os homens de seus pecados. Ao ceder ao orgulho e aos prazeres sensuais, e ao oferecer incentivos que não estão em harmonia com o espírito de Cristo, frustramos o elevado propósito do evangelho. Portanto, concluímos que, assim como não havia nada de atraente no exterior do tabernáculo, também não deve haver meras atrações carnis e sensuais ligadas à Igreja de Deus.

O REVESTIMENTO INTERNO

Para efeito de contraste, convém agora considerar a cobertura vista de dentro do tabernáculo, ou seja, a cobertura mais interna. Nada poderia ser mais impressionante do que o contraste entre o exterior e o interior do tabernáculo. O primeiro, como vimos, era escuro, sombrio e pouco atraente; mas o segundo era brilhantemente rico e belo. Vimos que tinha paredes de ouro puro. Tinha também móveis finamente trabalhados em ouro puro. E, além disso, havia uma cortina para a porta, que permanecia fechada, bloqueando a luz do dia: um véu e uma cobertura vistos de dentro; todos estes eram feitos da mesma bela textura e cores. O primeiro compartimento era iluminado pelas sete lâmpadas brilhantes do candelabro de ouro; e o Santo dos Santos era iluminado pela Shekinah, uma luz gloriosa do céu, que resplandecia sobre o propiciatório.

Quão encantadoramente belo, então, devia ser o tabernáculo visto de dentro! O revestimento interno era feito de linho fino torcido, em tons de azul, púrpura e escarlate; figuras angelicais (provavelmente bordados com fios de ouro fino) adornavam as cortinas. Ora, toda essa glória, beleza e riqueza são sugestivas. Falam-nos da divindade de Cristo. Ele era "Deus manifesto em carne". Ele tinha uma glória, mas era espiritual, e não carnal; "vimos a sua glória", diz João, "a glória como a do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". "Ele, sendo o resplendor da sua glória e a própria imagem da sua substância, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter realizado a purificação dos pecados, assentou-se à direita de Deus" (Hebreus 1:28).

1:3). Quando Moisés disse a Deus: "Rogo-te que me mostres a tua glória", Deus respondeu: "Farei passar toda a minha bondade diante de ti". Assim, a glória incomparável de Cristo na terra era a sua bondade.

Mais uma vez, a glória interior do tabernáculo fala da glória interior da Igreja. Suas belezas são espirituais, e não carnis.

"A filha do Rei é toda gloriosa por dentro." "Assim, o Rei desejará grandemente a tua beleza, e tu o adorarás." "Tu és toda formosa, meu amor."

A santidade, a consciência celestial, a doce humildade e a total submissão à vontade de Deus, que tornaram Jesus tão belo na terra, são as mesmas graças que adornam a verdadeira Igreja de Cristo em todas as épocas. Já mencionamos anteriormente os prováveis significados das cores e figuras nas tapeçarias, no véu e na cobertura.

Eles falam de celestialidade, humildade, glória real e pureza. Para entendermos essas coisas, precisamos entrar e "permanecer" em Cristo e em Sua Igreja. Elas não podem ser apreciadas ou compreendidas senão de forma prática e experimental. Nem a razão nem a observação podem nos dar a bem-aventurança do santuário. Algumas coisas precisam ser provadas antes que sua doçura possa ser compreendida. O cético zomba daquilo que, por natureza, ele não tem poder para apreciar. Quão profundamente verdadeiras são as palavras: "Provem e vejam como o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia". E também as palavras de Pedro: "Desejai ardentemente o leite da palavra, que é puro, para que por meio dele cresçais para a salvação, agora que já provastes que o Senhor é bom".

Sem essa experiência, não pode haver esse anseio pelo alimento nutritivo derivado da comunhão com Deus. Mas aquele que já "experimentou" tem seu apetite aguçado e anseia ser saciado pela plenitude de Deus em Cristo.

A glória da Igreja reside também na sua bondade. Os ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos relacionam-se quase inteiramente com o caráter. Na Igreja, as obras da carne — "fornicação, impureza, idolatria, avareza, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, iras, facções, divisões, heresias, invejas, embriaguez, orgias e coisas semelhantes" — devem ser severamente condenadas e destruídas; mas os frutos do Espírito — "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" — são cultivados e amadurecidos, até que se manifestem em rica profusão na vida dos santos.

A COBERTURA DA PELE DOS CARNEIROS.

Entre as duas coberturas descritas, havia outras duas. A que estava ao lado da cobertura externa de "peles de texugo" era feita de "peles de carneiro tingidas de vermelho". Acredita-se que o corante vermelho tenha sido extraído de um verme. Isso ilustra a frase de Davi, que falava em nome de Cristo: "Eu sou um verme, e não um homem". Um verme é detestado e pisoteado pelo homem. Aplicando-se a Jesus, isso demonstra Sua maravilhosa humilhação por nossa salvação. "Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens."

"Ele foi desprezado, e nós não o tínhamos em consideração." "Embora fosse rico, por amor de nós se fez pobre, para que por meio de sua pobreza nos tornássemos ricos." "Ele foi feito por um pouco menor do que os anjos, por causa das aflições da morte... para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos." Quão "menor" do que os anjos pode ser julgado pelo seguinte: "Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: Ele, que era de natureza divina, não considerou o ser igual a Deus como algo a que devia se apegar; pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!"

Ao considerarmos o tabernáculo como representação da Igreja em sua relação com Cristo, vemos, portanto, nessa cobertura uma característica da Igreja: a "mesma mentalidade que havia em Cristo Jesus". Nosso Senhor bendito procurou transmitir essa lição aos discípulos, antes de partir, por meio de um belo ato de humildade. "Ele pegou uma toalha, cingiu-se com ela e começou a lavar os pés dos discípulos"; e imediatamente após declarar o propósito dessa lição prática: "Vocês me chamam de Mestre e Senhor, e fazem bem, pois eu o sou. Ora, se eu, sendo Senhor e Mestre, lavei os pés de vocês, vocês também devem lavar os pés uns dos outros; porque eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como eu fiz."

o que vos foi feito. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.

Somos humilhados e rebaixados pelo pecado, mas somos orgulhosos e presunçosos, e lentos para aprender a profundidade desta grande verdade. Mas ela precisa ser aprendida. "Em verdade, em verdade vos digo: se alguém não se humilhar e não se tornar como uma criança, não pode entrar no reino dos céus." E esse espírito de humildade deve ser cultivado. "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus."

"Aquele que entre vós for o maior, seja servo de todos." Esta é uma lição difícil de assimilar. Mas poucos a cumprem plenamente. Pois o maior tornar-se servo de todos — ocupar o lugar mais humilde — é, de fato, um grande ato de abnegação. Mas o nosso Senhor o fez; e não devemos considerar tão difícil sermos como Ele — seguir os Seus passos. Oh, se esta lição fosse plenamente aprendida e praticada, como a Igreja manifestaria os louvores do seu Redentor! Então todos não buscariam a sua própria glória, mas a de Cristo. Então todos não olhariam para as suas próprias coisas, mas para as coisas dos outros. Cada um se esforçaria para doar e ser doado para o bem da Igreja e para a glória de Cristo.

COBERTURA DE PELO DE CABRA

Esta cobertura vinha logo depois da bela cobertura mais interna e, portanto, ficava sob a cobertura de peles de carneiro. Cabritos eram oferecidos em sacrifício. No grande dia do ano israelita, o Dia da Expição, dois bodes eram trazidos como ofertas. Um era imolado como OFERTA PELO PECADO, e Arão levava o seu sangue para o Santo dos Santos e o aspergia sobre o propiciatório para fazer expiação por todo o povo. O outro bode era levado vivo para a extremidade do acampamento, e Arão colocava ambas as mãos sobre a sua cabeça e confessava sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões, sim, todos os seus pecados; e os colocava sobre a cabeça do bode vivo e o enviava, por intermédio de um homem que estava preparado, para o deserto, e o bode levava sobre si todas as iniquidades para uma terra deserta.

O leitor deverá ter em mente as observações iniciais, que introduziram este estudo sobre as coberturas, quanto à relação entre cobertura e expiação. Bem, parece-me que esta cobertura de pelos de cabra nos lembra especialmente da nossa grande expiação. E creio também que há um ensinamento divino na disposição dessas coberturas. Sua aplicação simbólica se dá da seguinte forma:

Degradação, humildade, expiação, a beleza da santidade, paz e bem-aventurança. Assim, Jesus se fez em forma humana, à semelhança da carne pecaminosa, humilhou-se, morreu pelos nossos pecados e entrou na glória. E assim também nós nos apresentamos com todos os nossos pecados e vergonha, em profunda humildade de espírito, confiando no sangue expiatório de Jesus, e obtemos perdão, paz, a beleza da santidade e a glória de Deus.

CAPÍTULO VIII

O ALTAR DE BRONZEADO

Será mais coerente com o objetivo desta pequena obra considerar, em seguida, os objetos no pátio do tabernáculo.

O primeiro deles era o altar do holocausto. Era quadrado e feito de madeira de acácia revestida de bronze. Era oco, sem fundo nem tampa; mas uma forte grade de bronze estava fixada quase no meio do seu interior para sustentar o fogo e o sacrifício. Este altar tinha cerca de nove pés de largura e cinco pés de altura e ficava no pátio, diretamente em frente ao portão do pátio e à porta do tabernáculo, a meio caminho entre eles. A primeira coisa que exige nossa atenção é

O FOGO

O fogo do altar de sacrifício foi aceso pela primeira vez por um ato direto de Deus. "E a glória do Senhor apareceu ao povo, e saiu fogo de diante do Senhor (provavelmente da coluna de fogo e nuvem), e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; e, vendo todo o povo isso, gritou de alegria e prostrou-se sobre os seus rostos" (Levítico 9:23-24). Isso foi feito para impressionar o povo da maneira mais solene possível, mostrando que o fogo naquele altar era o fogo de Deus e tinha um significado terrível. Observamos aqui também que o fogo no altar deveria permanecer aceso para sempre.

"E o fogo sobre o altar arderá sobre ele; não se apagará... o fogo arderá sobre o altar, e jamais se apagará" (Levítico 6:12-13).

O que significa esse fogo? Essa queima no altar, no caminho para o tabernáculo e a presença sagrada? Parece-me representar uma coisa, e somente isso: a justiça de Deus na punição do pecado! Indica "o fogo que jamais se extinguirá". Diz que "o pecado não pode ficar impune". Diz que "nosso Deus — (para o pecado e tudo o que nele há) — é um fogo consumidor"; e que "Ele de modo algum pode inocentar o culpado". O pobre pecador, ao trazer sua vítima inocente para ser imolada e consumida neste altar, reconheceu sua própria punição merecida em toda a situação, e a ideia que mais lhe vinha à mente era a SUBSTITUIÇÃO. "Assim como este cordeiro inocente sofre, assim eu deveria sofrer", se o Senhor, em Sua grande misericórdia, não tivesse estabelecido um resgate. E assim, nosso amado Senhor, ao morrer por nós, "se fez pecado", "carregou nossos pecados em Seu próprio corpo", "se tornou maldição por nós" e foi consumido pelo fogo de Deus no altar da expiação. "Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós, como ovelhas, nos desviamos; cada um se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós."

OS SACRIFÍCIOS E OFERENDAS.

Esses versículos eram numerosos e variados. Sem dúvida, todos apontavam para a cruz de Cristo, ou a prenunciavam — para Ele, que "no fim dos tempos se manifestou para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo". Entramos agora em um estudo profundo e inspirador. O lugar em que nos encontramos é terra sagrada; aproximemo-nos com devoção de espírito. Sigamos nosso caminho com humildade e reverência, e que nossos esforços sejam ricamente recompensados.

O primeiro ponto a destacar é que todos esses sacrifícios deveriam ser "sem mácula ou defeito".

Isso representa a pureza imaculada de Cristo. Ele, por meio do Espírito eterno, "ofereceu-se a si mesmo sem mácula a Deus". Somos redimidos "pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mácula".

"Sem mácula e sem defeito." A pureza imaculada de Cristo é testemunhada em muitas Escrituras. Ele era "santo, inocente e separado dos pecadores"; ele "não cometeu pecado, nem se achou engano em sua boca"; Deus "o fez pecado por nós, que não tínhamos pecado, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus"; Ele "foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado"; Ele "morreu justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus"; Pilatos disse: "Não encontro nele culpa alguma", e o próprio Jesus pôde desafiar todos os seus inimigos perguntando: "Qual de vós me convence de pecado?". Assim, Cristo se apresenta diante de um mundo culpado como um sacrifício perfeitamente santo e imaculado, oferecendo-se a Deus como nosso Redentor plenamente suficiente; um belo exemplo para nossa imitação; cujo caráter imaculado age como um encanto e inspiração para a pobre alma sobrecarregada pelo pecado. E sob esse encanto e essa inspiração, surgem as classes: "Holocaustos", "pecado" ofertas, "ofertas por transgressão", "ofertas de paz", "ofertas de carne", "ofertas de bebida" e ofertas por "pecados de ignorância". Teremos espaço apenas para mencionar algumas delas.

1. O Holocausto — Este podia ser um novilho, um carneiro, um bode, uma rola ou um pombo, de acordo com os recursos do ofertante, como mencionado acima. Um era tão aceitável a Deus quanto o outro, desde que representasse os recursos do ofertante. Em todos os casos, devia ser um macho sem defeito. A oferta do novilho era talvez a mais impressionante. Devia ser imolado "à porta da tenda da congregação", indicando assim que o único caminho para Deus era através do Salvador crucificado. O ofertante devia "impor a mão sobre a cabeça do holocausto", declarando, da maneira mais expressiva, sua fé em Deus, seu sincero arrependimento e sua oração para que a vítima inocente fosse aceita em seu lugar, o pecador culpado. Assim, no "novo e vivo caminho" para Deus, o pecador convicto coloca sua mão de fé sobre o sacrifício designado por Deus e, cheio de arrependimento, crê que as agonias e a morte de Jesus são aceitas em lugar da condenação que ele tão plenamente merecia. O ofertante, ao que parece, era obrigado a matar a vítima com as próprias mãos. O método de matar um animal entre os judeus, até hoje, consiste em passar uma faca grande e extremamente afiada pela garganta, de modo a cortar os principais vasos sanguíneos de uma só vez. Esse método garante a morte rápida do animal e o completo esvaziamento de seu sangue. Esse livre derramamento de sangue, assim efetuado, nos lembra fortemente das palavras de Isaías: "Ele derramou a sua alma (vida) até a morte". O ofertante que mata o animal com as próprias mãos indica, da maneira mais impactante possível, a relação entre o ofertante e a morte de seu substituto. A verdade pretendida é que NOSSOS PECADOS causaram a morte de Cristo tanto quanto se tivéssemos sido seus assassinos. É uma verdade tremenda que estou tão envolvido na tragédia da cruz que ou sou culpado desse ato terrível, ou sou redimido por ele. Se eu rejeitar Cristo, estarei do lado daqueles que gritaram "Crucifica-o! Crucifica-o!"; mas se eu o receber, seu precioso sangue purificará minha alma culpada de todas as suas manchas.

A próxima coisa a fazer era que os filhos de Arão pegassem o sangue da vítima e o aspergissem ao redor do altar. Nisto temos uma ilustração das palavras "Chegamos... ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel". Também: "Tendo os nossos corações purificados de uma consciência culpada".

Em seguida, o animal era esfolado, cortado em pedaços, as entranhas e as patas eram lavadas e tudo era colocado em ordem sobre o fogo no altar. Com razão, foi observado que, especialmente nas estações quentes, a visão e o cheiro de tanto sangue, e dos animais abatidos expostos ao sol, eram perturbadores.

O sol devia ser extremamente nauseante e repugnante, e aquilo que era repugnante à natureza humana dificilmente poderia dar prazer a Deus. E assim se declara: "Não me agrado de holocaustos" e "sacrifícios e ofertas não te agradam". Por que, então, foram instituídos?

O pecado tornou isso necessário! O pecado exigia um remédio suficiente e apropriado; precisava ser exposto em toda a sua hediondez; e o homem culpado precisava ser profundamente impactado pela natureza do pecado e pela punição que ele merece.

Voltando-nos para o antítipo — a morte de Jesus — a mesma coisa se intensifica diante de nossos olhos. Quão horivelmente repugnante e revoltante deve ter sido a visão da crucificação! Alguns homens podem ser brutais o suficiente — talvez os soldados e os governantes judeus — para encontrar prazer em testemunhar tais cenas, mas ninguém mais. O próprio Deus lançou um denso véu de trevas sobre a cena, como se quisesse impedir que os anjos vissem aquele espetáculo terrível.

A visão de Jesus sofrendo, morrendo, deve ter feito muitos corações desfalecerem. Suas costas já haviam sido dilaceradas pelo terrível flagelo; sua testa perfurada e rasgada pela coroa de espinhos; o sangue manchava suas vestes, seu rosto, seu corpo; e agora, fraco e debilitado pela dor e pela perda de sangue, trêmulo e emaciado, o princípio do fim havia chegado. Eles o despiram, expondo suas feridas abertas e seu corpo ensanguentado. Ele foi atirado ao chão e suas mãos e pés pregados à cruz rústica. Ele foi então erguido entre a terra e o céu, e ali permaneceu suspenso por seis horas, até que as sombras da morte se apoderaram de seu rosto e forma. O corpo agora estava horripilante no abraço terrível da morte! Que espetáculo! Quem, no céu ou na terra, poderia contemplá-lo sem horror? Era uma visão terrível e repugnante. Deus parecia franzir a testa, cobrindo os céus com um véu; gemer, rasgando a terra e as rochas. Mas era necessário. Sem o derramamento do Seu sangue não poderia haver remissão. Para nos tornar justos, Ele precisa ser amaldiçoado.

2. A Oferta pelo Pecado da Ignorância — A lei exigia uma oferta pelo pecado da ignorância. Ela diferia do holocausto nos seguintes aspectos: toda a gordura deveria ser cuidadosamente removida das entranhas e queimada sobre o altar; mas a carcaça inteira deveria ser carregada.

sem "para um lugar limpo, onde as cinzas são derramadas e (ali) queimadas sobre lenha com fogo". Isso parece ter a intenção de mostrar quão intensamente abominável é o pecado para Deus — mesmo em sua forma mais branda, ou seja, quando cometido por ignorância. O autor da epístola aos Hebreus (cap. 13:11-13) se refere à crucificação de Cristo fora dos muros da cidade como o antítipo desse sacrifício e reconhece a vergonha a ele associada. "Pois os corpos daqueles animais, cujo sangue é trazido pelo sumo sacerdote ao lugar santo como oferta pelo pecado, são queimados fora do arraial."

Por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta da cidade. Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu opróbrio. Ele "se fez pecado por nós", carregando a vergonha e o castigo. Estejamos, portanto, dispostos a compartilhar da sua vergonha e do seu opróbrio. A vergonha da cruz não cessou. Aqueles que seguem o seu Senhor em todas as coisas são tão desprezados como sempre foram. Mas contentam-se em suportar a sua cruz, desprezando a vergonha, como o seu divino Mestre, e aguardam pacientemente o grande dia da sua vindicação. A vergonha está, na verdade, do outro lado. Assim, Pedro escreve: "Que nenhum de vocês sofra como assassino, ladrão, malfeitor ou como quem se intromete em assuntos alheios; mas, se alguém sofrer como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus nesse nome."

Nesta oferta pelo pecado da ignorância, há uma lição solene para os descuidados e indolentes que professam crer em Cristo. Um grande número deles negligencia completamente o estudo da santa palavra de Deus e presume sua perfeita segurança em Cristo; mas, se questionados sobre "uma razão para a esperança que há neles", ficariam confusos e sem resposta satisfatória. Eles ouviram uma voz, ou sentiram uma mudança, ou se apropriaram de um texto que talvez nunca tenha sido destinado a eles, ou "confiaram em Cristo". Não duvidaram mais: duvidar era pecado. Mas não se deram ao trabalho de TESTAR sua posição pelas Escrituras da verdade; não "buscaram e viram". Que admiração que muitos sigam cegamente, com um senso de autossegurança, enquanto, ao mesmo tempo, cometem o pecado da ignorância. O autor certa vez encontrou um pregador do evangelho que declarou viver absolutamente sem pecado; ele havia alcançado o estado sublime de "santificação perfeita". Fiz-lhe algumas perguntas relativas a alguns dos mandamentos positivos de Jesus Cristo. Ele reconheceu que vivia em total negligência em relação a elas — não havia refletido muito sobre elas e as considerava desnecessárias! Aquele homem cometia o pecado da ignorância todos os dias, um pecado muito mais hediondo e repreensível do que qualquer outro sob a lei de Moisés. Esse pecado precisa da expiação de Cristo tanto quanto qualquer outra forma de maldade; e para removê-lo é necessário "examinar as Escrituras".

3. O Sacrifício da Novilha Vermelha. No capítulo 19 de Números, são fornecidos detalhes completos sobre este sacrifício. O animal deveria ser totalmente vermelho e "sem mácula". Eleazar, o sacerdote, deveria levá-la para fora do acampamento e ali fazê-la ser morta. Em seguida, deveria tomar do seu sangue e, com o dedo, aspergi-lo sete vezes diante da porta do tabernáculo. Depois, deveria fazer com que todo o seu corpo fosse queimado até virar cinzas, e no meio do fogo deveria lançar "madeira de cedro, hissopo e escarlata". As cinzas da novilha deveriam ser guardadas em um lugar limpo e, quando necessárias, deveriam ser misturadas com água de nascente ou corrente. Esta era "a água da purificação", usada para purificar as pessoas de todos os tipos de impurezas da carne.

Este sacrifício da novilha vermelha nos oferece outro grande símbolo do sacrifício de Cristo. Sua cor... O vermelho por todo o corpo aponta para a intensidade e plenitude de Seus sofrimentos em nosso favor. Ele foi submerso neles. Ele disse: "Tenho um batismo para ser batizado, e como estou angustiado até que ele se realize!" O batismo nunca é uma aspersão; é uma imersão completa. Cristo foi completamente submerso no sofrimento. "Todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram sobre mim."

A novilha era "sem mácula" e nenhum jugo havia sido colocado sobre ela. Nunca esteve a serviço do homem, mas inteiramente reservada a Deus. Toda a devoção de Jesus ao serviço de Deus pode ser aqui indicada. Ele disse: "Tenho prazer em fazer a tua vontade, ó Deus"; "O meu alimento e a minha bebida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra". Ela foi queimada por inteiro; toda a carcaça foi consumida até virar cinzas. De Jesus lemos: "Nem um dos seus ossos será quebrado". O seu sacrifício foi, por assim dizer, um "holocausto completo". Espírito, alma, corpo, tudo "consumido" em agonia e morte. A "madeira de cedro, o hissopo e o escarlata" podem apontar para a extrema amargura do cálice que o Pai lhe deu para beber. Podemos avaliar a amargura do sofrimento pelo Getsêmani. Seu grito amargo: "Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice!", e seu suor semelhante a sangue, são sinais da agonia da alma que o amado Salvador suportou. As cinzas e a água da purificação apontam para o poder do sangue de Jesus em nos purificar dos pecados e nos separar para o serviço de Deus. "Pois se", diz o autor inspirado, "o sangue de bodes e touros, e as cinzas de uma novilha, aspergindo-os sobre os impuros,

Santificai-vos na pureza da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo.

Este interessante tema dos tipos e sombras dos sacrifícios poderia ser explorado muito mais a fundo; mas já fomos longe o suficiente para o nosso espaço e para a paciência do leitor. Não há dúvida alguma quanto ao caráter típico dessas ofertas, feitas ano após ano e dia após dia. Todas elas apontavam para o grande sacrifício de Cristo. E agora, olhando para trás, do nosso ponto de vista privilegiado, como é bom cantar:

Antes da construção do tabernáculo, era lícito oferecer sacrifícios em qualquer lugar, mas depois havia apenas um lugar e um altar onde os sacrifícios podiam ser oferecidos: o altar bem em frente à porta do tabernáculo. Portanto, há um só lugar — o Calvário — e uma só oferta — Cristo crucificado — à qual agora podemos chegar e encontrar a salvação. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." "Não há nenhum outro nome dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos."

CAPÍTULO IX

A LAVANDERIA

Entre o altar do holocausto e a porta do Tabernáculo ficava a Pia de Lavatório. Era feita dos espelhos de bronze das "servas". Não há menção ao seu tamanho e formato. Devia ser de dimensões consideráveis, pois era usada para o banho dos sacerdotes. Para os sacerdotes que tentassem entrar no tabernáculo sem se lavar na pia, a morte era instantânea. O que representa essa pia? Que ela simboliza algo muito importante fica evidente pela terrível pena que incorria no sacerdote que a desprezava ou negligenciava. Ao responder a essa pergunta, quero chamar a atenção para uma passagem em Efésios 6:25-27: "Maridos, amem suas esposas, assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água com a palavra", etc. Aqui temos uma referência evidente à santificação do sacerdote na pia, o que nos ajuda a compreender corretamente seu significado. A pia representa duas coisas indissoluvelmente unidas: "A água e a palavra".

1. A "Palavra" é indicada pela substância da qual a pia era feita: os espelhos das servas. O propósito de um espelho é refletir a própria imagem. A palavra de Deus é comparada a um espelho pelo apóstolo Tiago: "Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla o seu rosto natural num espelho; pois contempla-se a si mesmo, e retira-se, e logo se esquece de como era. Mas aquele que atenta bem para a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas praticante da obra, este será bem-aventurado no seu fazer" (Tg 1:23-25). Esta é uma ilustração impressionante e bela da palavra de Deus. Ela nos mostra a nós mesmos; expõe nossa deformidade nua — o estado corrupto de nossos corações — aos olhos de Deus, e assim nos leva a buscar purificação e renovação. A palavra de Deus ocupa um lugar importantíssimo na salvação do pecador. Somos "gerados" pela palavra. Davi disse: "A tua palavra me vivifica"; "A fé vem por ouvir a palavra de Deus"; é "a espada do Senhor".

"Espírito", e "é vivo e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes". Há quem diga que a palavra de Deus é "letra morta", mas ninguém pode afirmar isso com sinceridade à luz dessas escrituras.

2. A "água" mencionada na passagem bíblica acima (Ep. 5) refere-se à instituição cristã do batismo. Todos os estudiosos concordam com isso; e, de fato, é impossível duvidar quando se compreende o lugar e o propósito do batismo, conforme ensinado no Novo Testamento. Vejamos. O batismo é realizado em água. "Eis aqui água; o que impede que eu seja batizado?" "Pode alguém negar a água, para que estes não sejam batizados?" O batismo é uma lavagem (ou banho); "Levanta-te, e é batizado, e lava (banha) os teus pecados, invocando o seu nome." O batismo deve ser administrado somente ao crente arrependido.

"Quem crer e for batizado será salvo." "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome do Senhor Jesus para o perdão dos seus pecados." O batismo admite no "único corpo", a igreja. "Todos vocês foram batizados em um só corpo." O batismo visa à "salvação" ou "remissão dos pecados". Veja Marcos 16:15-16; Atos 2:28.

Concluimos, então, que a água da pia diante da porta do tabernáculo representa o batismo. Fazemos isso porque ela não pode representar nada mais, e porque a analogia é completa.

Isso ficará ainda mais claro no próximo capítulo. Agora, quero mostrar o duplo tipo: "A água com a palavra". Em Tito 3:5, lemos: "Segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo". Vimos que a palavra de Deus é a "espada do Espírito", ou seja, é o meio usado pelo Espírito Santo na conversão. Portanto, o que a palavra faz, o Espírito faz. No texto acima, então, temos estabelecida a verdade de que a palavra e a água são inseparáveis na regeneração. A mesma verdade é ensinada por Jesus: "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus".

(João 3:5).

CAPÍTULO X

O SACERDÓCIO

O sacerdócio levítico era típico do sacerdócio cristão. "Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual, para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo", 1 Pedro 2:5. Também o versículo 9: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo exclusivo de Deus". "Digno és tu de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação; e os constituíste para o nosso Deus reino e sacerdotes, e eles reinam sobre a terra." Apocalipse 5:9, 10. "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos preparou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com sincero coração, em plena fé, tendo os nossos corações purificados da má consciência, e o nosso corpo lavado com água pura." Hebreus 10:19, 20. "Temos um altar do qual não têm direito de comer os que servem no tabernáculo." Hebreus 13:10. Veja também o versículo 15:11.

"Por meio dele, portanto, ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, que é o fruto dos lábios que confessam o seu nome."

Estas escrituras ensinam:

1. Que todos os cristãos são sacerdotes para Deus em Cristo. Portanto, não existe sacerdócio de classe, como o que ocorre na Igreja de Roma e na Igreja da Inglaterra. Esse erro tem sido, em todas as épocas desde que foi imposto à Igreja, uma fonte prolífica de equívocos. É, sem dúvida, a raiz da árvore do anticristo. E como é difícil erradicar esse mal! A distinção entre "clero" e "leigos", o ministério de um só homem e, de fato, toda forma de mero oficialismo, são atribuíveis a esse mal gigantesco.

2. Que "com a mudança do sacerdócio, há também uma mudança da lei". Nossos sacrifícios são "espirituais" e, portanto, nosso altar é espiritual. "O sacrifício da missa" e o "altar" da Igreja Episcopal, as vestes sacerdotais, a oferta de incenso, são todos igualmente estranhos ao "novo e vivo caminho". Pertencem ou ao judaísmo morto ou à idolatria pagã.

3. Que a consagração do sacerdote sob a lei era típica da consagração do cristão a Cristo.

Vimos em capítulos anteriores que as posições relativas do altar do holocausto e da pia batismal no pátio do tabernáculo indicavam o caminho da salvação. Pois, assim como ambos ficavam em frente à porta do tabernáculo, a cruz de Cristo e a ordenança do batismo ficam em frente à igreja e é preciso se aproximar delas para entrar. Novamente, a primeira coisa com que se entrava pelo portão do pátio era o altar, e depois a pia batismal. Portanto, no caminho da salvação, o pecador primeiro vem a Cristo crucificado, crendo e se arrependendo; então, como um crente penitente em Jesus, ele é batizado e entra na igreja. Ora, essa ordem foi invertida com a introdução do batismo infantil.

Essa prática coloca a "pia da regeneração" antes da cruz de Cristo e levou a alguns erros doutrinários terríveis; pois, reconhecendo corretamente a conexão bíblica entre o batismo e a remissão dos pecados e o novo nascimento, quase todos os cultos batismais para crianças ensinam que o bebê é regenerado no batismo. E tão firmemente essa doutrina se apoderou de ministros e fiéis, que os primeiros muitas vezes hesitam em ler o culto fúnebre sobre a criança falecida que morreu sem ser batizada; e os últimos muitas vezes imaginam a criança, nesse caso, PERDIDA. O batismo infantil deve, por natureza, estar errado, pois vimos que a palavra de Deus deve estar presente e operante no coração da pessoa batizada. O batismo não é um mero ato corporal. É o batismo do homem por inteiro, alma e corpo; significa morte para o pecado e ressurreição para uma "nova vida"; expressa fé interior e arrependimento por um símbolo exterior. Ora, como nada disso pode ser verdade em relação às crianças, é certo que o batismo infantil é contrário à palavra de Deus. E então? A ordem da consagração dos sacerdotes é a ordem da conversão a Deus. Assim como o candidato ao sacerdócio primeiro vinha com seu sacrifício e recebia expiação pelo sangue da vítima inocente, cheio de fé e arrependimento; depois era banhado na pia batismal; depois era vestido com as vestes brancas e puras; e então entrava no lugar santo para ministrar no tabernáculo; assim também, na conversão, o pobre pecador perdido deve primeiro vir com fé e arrependimento ao Salvador crucificado.

-ao sangue da sua cruz--e, crendo assim, seja batizado nas águas em nome do Pai,

O Filho e o Espírito Santo, e assim, "revestindo-se de Cristo", ele é revestido de sua justiça imaculada e está apto a entrar na Igreja e tornar-se um membro ativo da mesma.

E agora, concluindo este capítulo, permitam que meu amável leitor se pergunte: "Será que me achei a Cristo desta maneira?" Peço que examinem o Novo Testamento e julguem por si mesmos se este é o "caminho do Senhor" ou não. Primeiro, venham a Jesus — venham ao Cordeiro de Deus — venham ao sangue da nova aliança, venham e confiem nele, venham e amem-no, venham e entreguem-se totalmente a ele, e assim, e somente assim, venham ao seu batismo, sejam "sepultados com Cristo" e "em Cristo". Sepultem a velha vida...

o velho, e ressuscitar do túmulo simbólico para viver para Cristo, santidade e eternidade. Então, com alegria, entrar em Seu lugar santo — a Igreja — e servir devotamente ao grande Rei, e desfrutar docemente da "comunhão dos santos".

CAPÍTULO XI

O LUGAR SAGRADO

O sacerdote, devidamente consagrado, entrava no Lugar Santo para ali realizar o serviço. O Lugar Santo era o primeiro compartimento do tabernáculo, separado do "Santo dos Santos", ou compartimento interno, por um véu espesso de tecido muito rico. Este véu ocultava completamente o Santo dos Santos da vista, e era transposto apenas uma vez por ano pelo sumo sacerdote. A cortina na porta do tabernáculo era feita do mesmo tecido rico que o véu e, sem dúvida, era mantida fechada para obscurecer o Lugar Santo da vista externa. Ora, este Lugar Santo, com seus móveis e serviço divino, é uma representação da Igreja de Jesus Cristo. Com o termo "Igreja", não me refiro àquela entidade universal e mística que muitos hoje consideram ser a Igreja, mas à assembleia do povo de Cristo, reunindo-se regularmente em qualquer lugar para adorar a Deus em espírito e em verdade; ou, em outras palavras, a Igreja de Deus conforme ordenada e apresentada a nós no Novo Testamento. Nesta Igreja, todos são sacerdotes — como vimos — feitos sacerdotes pelo sangue e pela água — fé em Cristo e batismo. "Aproximemo-nos (como sacerdotes) tendo os nossos corações purificados da má consciência e o nosso corpo lavado (banhado) em água pura." E assim como ninguém ousava entrar no tabernáculo sem ser um sacerdote devidamente ordenado, também ninguém deve ousar entrar na Igreja e participar dos seus privilégios sem ter sido devidamente consagrado segundo a ordem de Deus.

Sobre a igreja quando foi fundada (Atos 2:42), está escrito: "Eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações". Esta passagem indica os principais aspectos que envolviam a devoção e a adoração da igreja. E, ao examinarmos o tabernáculo, com seus utensílios e serviços, descobriremos que esses eram justamente os elementos mais proeminentes que ele simbolizava.

O SUPORTE DE LUMINÁRIA.

Começamos pelo candelabro de ouro. Era uma peça de mobiliário belíssima e muito cara. Foi esculpido em um único bloco de ouro maciço, pesando um talento, o equivalente a £5475 em nossa moeda. Possuía uma base central com uma lâmpada vertical e seis braços de iluminação, três de cada lado. Todo o conjunto era decorado com bom gosto e ornamentação, com detalhes em forma de flores por toda parte.

e frutos de romã. O azeite extraído das azeitonas era queimado nas lâmpadas, que emitiam uma chama extremamente brilhante. As luzes nunca podiam se apagar, mas era dever dos sacerdotes mantê-las abastecidas com azeite e aparadas continuamente. Abafadores de ouro eram fornecidos para auxiliar no aparamento, mas não extintores convencionais. O candelabro era colocado no lado esquerdo do lugar sagrado e era SUA ÚNICA LUZ.

Ora, o que, na Igreja de Cristo, este belo candelabro, com suas chamas ardentes, pretendia prefigurar? A resposta é a palavra da inspiração divina, ou o "ensinamento dos apóstolos". Esse ensinamento é a palavra de Deus, e nada mais. As comparações a seguir demonstrarão a veracidade dessa conclusão:

1. O candelabro era de grande valor, sendo feito de ouro maciço puro. A palavra de Deus é pura e de valor inestimável. Aqueles que conhecem seu valor concordam plenamente com o que disse o Salmista: "Como são preciosos para mim os teus pensamentos, ó Deus!" A palavra de Deus é preciosa porque revela Deus, o céu, a eternidade; mostra o caminho da salvação, da santidade e da vida eterna. Em suma, porque está repleta de Cristo.
2. O ouro puro é a substância mais duradoura. Aqui, mais uma vez, o candelabro testemunha a palavra de Deus que "permanece para sempre".
3. Era extremamente belo. A palavra de Deus está repleta da beleza da santidade.
4. Os sete braços apontam para a perfeição – a completude. 'O número sete era o número perfeito. Foi sugerido com considerável força e beleza (veja Cristo no Tabernáculo, de Maston) que essas sete lâmpadas representam a Bíblia, com suas três grandes divisões – a lei, os salmos e os profetas, de um lado; e três divisões do Novo Testamento – os Atos, as epístolas e o Apocalipse, do outro; com Cristo nos evangelhos como o principal eixo central. No entanto, estou inclinado a considerar que esses sete braços se destinam a apontar para outra questão. Considero que as instituições da antiga aliança eram típicas de coisas que pertencem essencialmente à nova. O candelabro, portanto, representa o ENSINAMENTO DA NOVA ALIANÇA, isto é, o ensinamento dos apóstolos. Assim, considero que os sete braços – o número perfeito – representam a "unidade do espírito", conforme resumido em Efésios. 4:1-6: "Eu, portanto, prisioneiro no Senhor, rogo-vos que andeis de maneira digna da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, e por meio de todos, e em todos."

A unidade do candelabro não se manifestava apenas no número perfeito de seus braços, mas também no fato de que toda a sua estrutura era formada a partir de uma única e sólida massa de ouro. Isso sugere belamente a unidade do Espírito, conforme exposta no ensinamento do apóstolo. Como vemos em Efésios 4, há sete unidades na unidade do Espírito, todas originadas de uma única e preciosa massa — o Senhor Jesus Cristo — e todas inseparavelmente unidas a Ele. Remover qualquer um dos braços do candelabro o teria desfigurado e destruído sua perfeição. Assim, remover qualquer um dos elementos mencionados por Paulo na "unidade do Espírito" seria destruir sua completude e torná-lo deformado.

Suponhamos que experimentemos o seu efeito. Removamos do cristianismo (pois é isso que significa "espírito") o "único Senhor". Quão sem sentido se tornaria todo o resto!

Haveria um corpo com espírito, mas sem cabeça. A fé não teria atração, nem objetivo; o batismo não teria fim e a esperança não teria incentivo.

5. A luz do candelabro era a única luz do tabernáculo. Não havia janelas. Nenhuma luz era emprestada da natureza. À luz das lâmpadas, o sacerdote trabalhava, e todos os outros objetos no tabernáculo eram vistos distintamente. Sua luz suave e clara iluminava tudo com grande beleza. Assim também na Igreja de Cristo. O ensinamento dos apóstolos é a única regra de fé e dever.

É da maior importância que todos os que desejam agradar a Deus compreendam isso. As consequências de negligenciar esse fato em todas as eras cristãs têm sido terríveis e destrutivas. Em um capítulo anterior, vimos que os apóstolos foram investidos de autoridade divina e revestidos de poder infalível como fundadores e organizadores da Igreja. Se essa grande verdade sempre tivesse sido reconhecida, credos, doutrinas e seitas humanas teriam sido impossíveis. A essa autoridade, a natureza e a razão devem se submeter. Na medida em que o ensinamento dos apóstolos prevalecer na Igreja, nós, como cristãos, discerniremos nosso lugar e nossa missão, e contemplaremos a glória de Cristo em todas as Suas ordenanças.

6. As lâmpadas deviam ser mantidas acesas e com a chama aparada pelos sacerdotes. Assim, na Igreja, o povo de Deus tem o dever de preservar a fé tal como foi originalmente transmitida e de mantê-la livre de todas as interpolações e perversões.

Assim, o candelabro era um símbolo do ensinamento dos apóstolos inspirados por Cristo. E como a essência desse ensinamento era Cristo, vemos com que perfeição o candelabro o prefigurava. A razão da presença do candelabro no tabernáculo era para que sua luz brilhasse. Portanto, a razão do ensinamento dos apóstolos na igreja é que Cristo seja a nossa luz, que sejamos cheios da Sua luz e que possamos ir ao mundo para sermos, por nossa vez, "a luz do mundo".

CAPÍTULO XII

A MESA DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO

Esta era uma mesa feita de madeira de acácia revestida de ouro, com uma coroa de ouro. Media cerca de 1 metro de comprimento, 60 centímetros de largura e 75 centímetros de altura. Nela havia pratos, colheres, tigelas e tampas, todos de ouro puro. O uso desta mesa valiosa e bela era para guardar os pães da proposição. As instruções completas são dadas em Levítico 24:5-9. Os pães da proposição consistiam em doze pães ázimos: um para cada tribo.

Eles deviam ser colocados sobre a mesa em duas fileiras — seis em cada uma "diante do Senhor". Deviam ser comidos somente pelos sacerdotes, a cada sábado; e pães frescos eram colocados em seu lugar à medida que os velhos eram retirados. Esta mesa ficava do lado direito do tabernáculo, em frente ao candelabro de ouro.

Não tenho dúvida, creio eu, de que isso tinha a intenção de simbolizar a "fração do pão", o próximo item mencionado em Atos 2:42 entre as coisas que a Igreja observava "firmemente". Os pontos

As comparações são tão claras quanto a sombra em relação à sua substância. Primeiro, a mesa estava toda coberta de ouro (encontramos ouro por toda parte no tabernáculo), o que aponta para as coisas preciosas apresentadas na Ceia do Senhor. O ouro é mais valorizado e procurado do que qualquer outra coisa. Mas para a alma faminta, o banquete espiritual da Ceia do Senhor é muito mais valioso do que o "ouro que perece". Segundo, o pão era representativo. Os doze pães representavam as doze tribos de Israel.

O pão da Ceia do Senhor também é representativo. Há apenas um pão, e este representa o corpo de Cristo: "Este é o meu corpo". Representa também a unidade do "Seu corpo, a Igreja": "Somos um só pão e um só corpo". 3º. Somente os sacerdotes participavam da Ceia; e na Igreja, somente aqueles que foram unidos ao sacerdócio cristão participam da Ceia do Senhor. 4º. Os pães eram comidos todos os sábados. Assim, a Ceia do Senhor é, pela verdadeira Igreja, celebrada todo primeiro dia da semana: o dia agora dedicado ao culto cristão. "No primeiro dia da semana, os discípulos se reuniram para partir o pão" (Atos 20:7). 5º. Os pães eram chamados de pães da proposição; e na Ceia do Senhor, a morte de Jesus é "anunciada até que Ele venha". 6º. Os pães serviam como memorial. Assim, a Ceia do Senhor é uma festa memorial: "Fazei isto", disse Jesus, "em memória de mim". É claro que há pontos em que essa comparação falharia, mas o que foi dito anteriormente é suficiente para estabelecer a semelhança pretendida entre a mesa dos pães da proposição e a Ceia do Senhor.

Aqui, convém observar que, enquanto o sacerdote se ocupava do serviço do tabernáculo, o pão da mesa e partes dos animais oferecidos em sacrifício constituíam (tanto quanto sabemos) seu único alimento. E quão benditamente verdadeiro é que, para o cristão, CRISTO (representado tanto no sacrifício quanto no pão) é o único alimento para sua alma!

Neste ponto, convém observar com que minúcia tudo no tabernáculo é especificado, até mesmo o menor e aparentemente mais insignificante objeto. Ora, se o tabernáculo e seus serviços tinham o propósito de prefigurar a Igreja de Cristo, quão perigosa é a obra de alterar ou dispensar qualquer uma das ordenanças do Senhor! Certamente, é dever de todo cristão insistir que as ordenanças do Senhor sejam administradas segundo o método apostólico. O apóstolo Paulo sentiu-se na necessidade de escrever à igreja de Corinto para corrigir abusos referentes justamente a esta questão da Ceia do Senhor. Eles haviam se afastado da ordem que lhes fora transmitida por ele, reduzindo a ordenança a uma refeição comum e, assim, privando-a de todo o seu belo significado. Para lhes enfatizar a necessidade de observar a ordem intacta, ele os informa que o Senhor a havia revelado a ele por meio de revelação especial. "Eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha." Para cumprir esta bela e impressionante ordenança, os primeiros cristãos reuniam-se todos os domingos (Atos 20:7), unindo assim os símbolos da Sua morte com o dia em que ressuscitou dos mortos: uma união muito apropriada e justa. Mas como esta ordenança divina repreende a temeridade dos homens, que se julgam mais sábios do que Deus ao adulterarem esta ordenança divina — alguns negando o cálice ao povo; Alguns cortam o pão em cem pedaços, destruindo assim a figura do "corpo único"; outros cuidam dele apenas uma vez por mês, ou mesmo uma vez por trimestre, destruindo-o também.

a união entre a morte e a ressurreição; e alguns a transformando em um mero culto posterior, em vez de, como no início, torná-la o centro e a principal razão para se reunir, por causa de seu maravilhoso ensinamento sobre Cristo, que é o principal e o centro na assembleia dos santos.

CAPÍTULO XIII

O ALTAR DO INCENSO

Este objeto ficava entre o candelabro e a Mesa dos Pães da Proposição, "diante do véu".

Assim como a mesa, era feita de madeira de acácia, revestida com ouro puro batido. Tinha 53 centímetros de largura e 1 metro de altura, e era de formato quadrado. Possuía pontas em cada canto superior, como o altar do holocausto, e varas eram fixadas nas laterais para transportá-la. O incenso, que era queimado sobre ela diariamente pelos sacerdotes, de manhã e à tarde, era uma mistura de ervas aromáticas. Essa mistura era de uso exclusivo no altar do incenso e não podia ser usada em comum pelo povo, sob pena de morte. Visto que era uma mistura divina, podemos crer que o aroma exalado durante a queima era deliciosamente perfumado. Os horários em que o incenso era queimado coincidiam com as horas, de manhã e à tarde, em que o povo se reunia à porta do tabernáculo para orar. (Ver Lucas 1:8-10).

Não nos resta, portanto, nenhuma dúvida quanto ao significado figurativo deste incenso. Ele prefigura "AS ORAÇÕES" da igreja; que o leitor recordará serem o ato restante do culto na igreja, conforme declarado em Atos 2:42, que devemos considerar. Em Apocalipse 8:3-4, lemos: "E veio outro anjo e se pôs junto ao altar (do incenso), e foi-lhe dado muito incenso, para que o acrescentasse às orações de todos os santos, sobre o altar de ouro que está diante do trono; e a fumaça do incenso, com as orações dos santos, subiu da mão do anjo diante de Deus." Davi orou, demonstrando sua compreensão do significado do altar do incenso: "Seja a minha oração como incenso diante de ti." Não precisamos de mais provas.

O incenso representava a oração; e como tudo prefigura a Igreja de Deus na era do evangelho, o incenso deve significar "as orações" que formam uma parte essencial da ordem do culto divino na igreja. O fato de ser feito para o uso exclusivo do tabernáculo indica que nenhuma adoração é aceitável a Deus por parte daqueles que não se aproximam dele da nova e viva maneira, como já foi delineado nesta obra. Supor que o pecador pode simplesmente orar para obter perdão e salvação é deixar de lado o "caminho" do Senhor, conforme o vimos tipificado.

O fogo do altar do incenso era retirado do altar do holocausto. O fogo do incensário também era retirado do mesmo lugar. Nadabe e Abiú foram mortos por queimarem "fogo estranho" perante o Senhor, ou seja, fogo que não era retirado do altar do holocausto. Com isso, romperam a ligação entre os dois altares. A lição que isso nos ensina é que, por mais fervorosas que sejam nossas orações e louvores, se primeiro não tivermos vindo a Cristo e "recebido a expiação" da maneira designada por Deus, nossas orações serão uma abominação para Ele.

As orações da Igreja incluem louvor e ação de graças. Todas as orações devem ser permeadas de gratidão a Deus pelas misericórdias recebidas. O incenso exalava uma fragrância deliciosa. Isso indica

Como Deus se agrada quando o adoramos e lhe apresentamos os pedidos do nosso coração!

Assim, vemos que o primeiro compartimento do tabernáculo, com seus móveis, prefigurava o culto da Igreja de Deus na era do evangelho. O leitor é convidado a estudar a primeira epístola de Paulo aos Coríntios, onde logo verá que as coisas que indicamos eram exatamente aquelas que Paulo, sob direção divina, havia "organizado" para o culto da Igreja quando reunida. No capítulo 11, ele começa elogiando-os por guardarem as "tradições", isto é, as ordenanças de Cristo. Em seguida, corrige certas irregularidades em que haviam se envolvido, embora, no geral, guardassem as "tradições" conforme transmitidas. Depois, há referências ao "ensino" na Igreja. Este era evidentemente de caráter mútuo, e muitos participavam. Aqui vemos uma clara indicação de que a Igreja continuava no "ensino dos apóstolos". Mais adiante no capítulo 11, vemos que eles também continuavam na "partição do pão"; e no capítulo 14 há também referência às "orações" nas quais a Igreja se envolvia constantemente.

Antes de deixarmos o Lugar Santo, convém refletir sobre a sabedoria e o amor de Deus ao ordenar assim o culto da Sua Igreja. Ao se reunirem, o principal atrativo para a Igreja era a Ceia do Senhor, que Deus instituiu não por causa dos elementos em si, mas por causa das coisas que eles representavam. Eles expunham belamente o corpo e o sangue de Cristo; falavam de redenção, perdão, paz com Deus; representavam a fonte e o sustento da vida espiritual e apontavam para a gloriosa vinda de Jesus Cristo. Poderia haver algo mais adequado e apropriado do que o lugar que esta ordenança ocupa na Igreja? O "ensino" ou a revelação da verdade divina por aqueles competentes para instruir também é essencial para o crescimento da Igreja. "Desejem o leite puro da palavra", diz Pedro, "para que por meio dele cresçam para a salvação". E, por fim, "as orações" (com as quais o louvor deve ser unânime) aproximam a alma de Deus e a mantêm ali. Elas trazem as bênçãos de Deus até nós. Por meio delas, encontramos graça para nos auxiliar em tempos de necessidade. De fato, nessas nomeações divinas temos tudo o que podemos conceber como necessário para a edificação da Igreja na vida divina.

CAPÍTULO XIV

O SANTO DOS SANTOS

Este compartimento era uma sala quadrada, separada do Lugar Santo pelo belo véu, sobre o qual falaremos mais adiante. O edifício era, naturalmente, feito dos mesmos materiais que o Lugar Santo. A diferença entre os dois compartimentos residia nos móveis e na iluminação. O Lugar Santíssimo continha: (1) A Arca da Aliança. Era um cofre de madeira, revestido de ouro. Continha uma cópia da lei, um vaso de ouro com maná milagrosamente preservado e a vara de Arão que floresceu. (2) O Propiciatório. Este formava a tampa da arca e era de ouro maciço. Uma bela coroa de ouro adornava as laterais, e dois querubins de ouro ficavam de pé, um em cada extremidade, com as asas estendidas um em direção ao outro e os rostos voltados para a arca. Tudo fora forjado em uma única peça de ouro. Assim como o Lugar Santo, o Santo dos Santos não tinha janelas; nem candelabro, e como o espesso véu era mantido fechado, estaria em escuridão total e perpétua, não fosse a gloriosa luz que o iluminava. Que luz era aquela?

A luz de Deus era a Shechinah. Diretamente acima da Arca da Aliança erguia-se o maravilhoso símbolo da presença divina: a coluna de nuvem durante o dia e de fogo durante a noite. Esse fogo misterioso penetrava as espessas coberturas do tabernáculo e descia sobre o Propiciatório, entre os querubins da glória, iluminando assim o Santo dos Santos com um fulgor de luz sobrenatural. O leitor pode facilmente imaginar quão maravilhosamente glorioso devia ser esse compartimento, com suas paredes douradas, sua bela cobertura e véu, sua arca dourada e propiciatório, tudo iluminado tão brilhantemente com a luz divina vinda do céu!

O que, então, representa este Lugar Santíssimo? Não há dúvida de que representa a santa presença de Jeová. O Céu, não um lugar físico, mas um estado, como lemos em Hebreus 9:24: "Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, semelhante ao verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus." Isso é conclusivo. Agora, examinemos os símbolos em detalhes.

1º. O ouro, os ricos adornos e a cobertura, como explicado anteriormente, apontam para riquezas, glória, honra, santidade e divindade. Todas essas coisas pertencem a Deus e ao céu, sendo essa sua fonte PRIMÁRIA.

2º. A arca, com o propiciatório e a Shechiná combinados, são símbolos de Jeová entronizado nas alturas. A arca sempre foi considerada sinônimo da presença de Deus. Que essa era a intenção divina a respeito dela fica claro por muitos incidentes relacionados a ela em sua história posterior. Quando foi capturada pelos filisteus, a nora de Eli, em seu leito de morte, exclamou: "A glória se foi de Israel, porque a arca foi levada". E quando foi levada para o templo de Dagom, o deus-peixe prostrou-se repetidamente diante dela. Onde quer que fosse levada em cativeiro, pestes e pragas dizimavam o povo. Uzá foi ferido mortalmente por tocá-la, e cinquenta mil homens de Bete-Semes foram mortos por olharem para dentro dela. Por outro lado, a casa de Obede-Edom foi abençoada enquanto a arca permaneceu sob seu teto. Os israelitas frequentemente falavam de Deus habitando "entre os querubins", e os filisteus diziam, referindo-se à arca: "Deus entrou no acampamento". De tudo isso, fica claro que a arca, como um todo, era um símbolo da majestosa e terrível presença de Deus. Consideremos agora suas partes. (a) A arca continha uma cópia da lei. Paulo diz: "A lei é santa, justa e boa". Era o símbolo da perfeita santidade de Deus. Era a "lei da aliança" e, portanto, seu lugar na arca denota que Deus é "um Deus que cumpre a aliança". "A palavra do Senhor não pode ser quebrada", ela "permanece para sempre", e o que Ele prometeu, Ele certamente cumprirá. Quando Deus se manifestou em carne, na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo, cumpriram-se as palavras de Davi: "Escondi a tua lei no meu coração, para eu não pecar contra ti", e Jesus "cumpru a lei e a honrou". (b) A arca também continha o "pote de ouro do maná". O maná era o alimento sobrenatural com o qual Deus alimentou Seu povo no deserto árido. Desceu do céu; era misterioso — o povo perguntava: "O que é isso?" Não era fruto da terra, pois o deserto era estéril. Foi milagrosamente preservado na arca. Ora, tudo isso fala claramente do profundo propósito de Deus, que esteve oculto por séculos, mas agora foi revelado em Jesus Cristo, concernente ao pão da vida, que, se o homem comer, viverá para sempre. "Eu sou o pão da vida", disse Jesus.

"Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o homem coma dele e não morra." Este é "o mistério da piedade: Deus manifestado na carne." (c) Na arca também foi depositada "a vara de Arão que floresceu". A história dessa vara revela seu significado. Corá, Datã e Abirão aspiraram ao sacerdócio,

e lideraram uma rebelião contra Moisés e Arão. Para estabelecer Arão e expor a rebelião, Deus ordenou que um pedaço de madeira seca para cada tribo, com o nome do chefe de cada tribo escrito nele, fosse guardado no tabernáculo. "E aconteceu que, no dia seguinte, Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, da casa de Levi, tinha brotado, e produzido botões e flores, e deu amêndoas." Assim, Arão e sua casa foram plena e definitivamente estabelecidos no sacerdócio; o grupo rebelde sofreu uma morte terrível como recompensa por sua temeridade. Agora, por que essa vara foi colocada na arca? De acordo com Números 11:10, ela foi "guardada como sinal contra os filhos da rebelião". Esse foi o seu uso imediato. Mas, embora tenha servido a esse propósito para Israel, ela também indica o propósito secreto de Deus a respeito do sacerdócio real de Jesus Cristo. Considere: era um pedaço de madeira seca. Cristo era "como raiz que sai de uma terra seca".

Mas agora floresceu e se tornou frutífero como o grande Sumo Sacerdote em Seu trono.

Assim, o conteúdo da arca fala eloquentemente do propósito secreto de Deus, oculto por eras, mas agora revelado em Jesus. "Como está escrito: 'Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam; mas Deus no-lo revelou pelo seu Espírito, pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus.'"

3º. O propiciatório. O nome desta bela cobertura da arca é muito sugestivo: PROPICIATÓRIO. Indica a natureza piedosa, misericordiosa e amorosa de Deus. Enquanto o conteúdo da arca apontava para a justiça e fidelidade de Deus, e indicava a vinda de Cristo como nossa justiça, nosso Grande Rei e Sacerdote, o propiciatório nos diz que Deus é propício e deseja nos salvar. Indica que, na plenitude dos tempos, Deus proveria um verdadeiro propiciatório — Jesus Cristo — do qual este era uma bela sombra. "Ele é o propiciatório pelos nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas pelos pecados de todo o mundo." Observe aqui como a verdade e a justiça, com o amor e a misericórdia, estão belamente unidas; a primeira na arca e a segunda no propiciatório. Assim, em Cristo, "a misericórdia e a verdade se encontraram".

4º. Os querubins da glória. Eram imagens angelicais olhando para o propiciatório, com as asas estendidas umas em direção às outras. Sua postura indicava o intenso desejo de compreender os mistérios da arca e do propiciatório. Representam os anjos e arcanjos que circundam o trono de Deus nos céus. Lemos sobre querubins colocados na entrada do Éden, para guardar a árvore da vida e impedir que o homem culpado comesse dela. Essa era uma prevenção misericordiosa, pois, neste estado pecaminoso e caído, nenhum homem desejaria "viver para sempre". Aqui, novamente, eles guardam o propiciatório; e, ao olharem tão atentamente para o propiciatório e a arca, somos lembrados da frase "os anjos desejam contemplar as coisas que os anjos desejam contemplar". Não há dúvida alguma de que os anjos de Deus têm um profundo interesse no destino da raça humana. Sobre as crianças, Cristo disse: "Seus anjos sempre contemplam a face de meu Pai que está nos céus". Em Hebreus, a pergunta é feita: "Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação?" Jesus os descreve como se regozijando na alegria de Deus "por um pecador que se arrepende mais do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento". Eles desempenham um papel importante em todo o Antigo Testamento, ministrando ao homem as coisas de Deus; e no grande futuro — como visto em Apocalipse — eles se unirão aos gloriosos triunfos do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

5º. A shechinah da glória. Esta, como vimos, era a luz sobrenatural que jorrava sobre o propiciatório e era a única luz do Santo dos Santos. O tabernáculo interior, como visto anteriormente, era o símbolo do céu, e aqui temos um símbolo do próprio Deus. O céu não precisa de luz da natureza — Deus é a sua luz. Mas este lugar e esta luz indicavam que Deus havia descido para habitar com o homem. Como está escrito: "Ele habita entre os querubins". Deus também disse a Moisés: "Ali falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho". É, portanto, uma gloriosa prefiguração da glória de Deus em relação à Igreja de Jesus. Mas falaremos disso mais tarde. Permitam-me apenas observar aqui o fato de que em ambos os compartimentos do tabernáculo não havia chão, apenas a areia do deserto. No próximo capítulo, veremos que este era um ponto de grande significado.

CAPÍTULO XV

O SUMO SACERDOTE

A consideração do Sumo Sacerdote é o nosso último, mas mais importante tema. Que o Sumo Sacerdote foi concebido como uma figura de Cristo, o Novo Testamento comprova plena e abundantemente. Mas, como veremos, a glória e a grandeza de Cristo exigem ainda mais do que a figura do Sumo Sacerdote judeu para ilustrá-las. Como o assunto é vasto, será mais conveniente dividi-lo em seções. Vejamos primeiro a SUA... VESTUÁRIO.

Eram ricas e belas. As vestes íntimas eram de linho branco puro. Isso nos lembra da pureza e imaculada personalidade e vida de Jesus, que era "santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores". Em seguida, vinha a "túnica do éfode". Era uma espécie de túnica de tecido azul, que descia abaixo dos joelhos. "Na sua bainha" havia romãs azuis, roxas e escarlates, intercaladas com sinos de ouro, que soavam docemente quando o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos. É notável que as vestes fossem do mesmo tecido e cores que as cortinas e as coberturas internas do tabernáculo. A túnica do Sumo Sacerdote parece indicar a santa alegria que nos é trazida no Evangelho de Cristo.

Sobre essa túnica vinha o éfode. Era uma peça de vestuário elaborada e cara. Tratava-se de uma túnica curta, presa por ombreiras, feita de ouro, azul, púrpura, escarlata e linho fino torcido.

Placas de ouro eram batidas até ficarem bem finas, cortadas em fios e trabalhadas artisticamente no material.

Ao visitar a Exposição Indiana e Colonial em Londres há algum tempo, vi alguns bordados orientais em ouro que me pareceram estranhamente semelhantes à descrição deste éfode.

A obra superava em riqueza e beleza tudo o que eu já havia visto. Neste éfode, temos um símbolo da glória e dignidade divinas do nosso grande Sumo Sacerdote; não como Ele aparecia na Terra, mas como Ele agora aparece na presença de Deus por nós. Na frente deste belo éfode, encontrava-se o peitoral. Este também era um artigo de gloriosa beleza. Era quadrado e dobrado, formando um bolso que cobria o peito. Sua base era do mesmo material do éfode; mas sua principal beleza consistia em doze pedras preciosas de cores diferentes, incrustadas em quatro fileiras de três. Em cada pedra, estava gravada uma das doze tribos de Israel.

Assim, todas as doze tribos estavam representadas neste peitoral, que era colocado sobre o coração do Sumo Sacerdote quando comparecia perante Deus. Este peitoral de doze pedras preciosas,

Representando as doze tribos, é um belo símbolo de Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, carregando a igreja, que Ele tanto ama, em seu coração, enquanto intercede por ela na presença de Seu Pai.

As pedras preciosas falam do VALOR QUE JESUS ATRIBUI à Sua igreja. Sobre o Seu povo fiel, Ele diz: "Eles serão Meus... quando Eu vier contar as Minhas joias." Ele nunca se esquece deles. Eles são belos como o céu; brilham na luz de Deus. Em cada um dos ombros do Sumo Sacerdote havia uma placa de ouro, também presa ao éfode. Em cada placa estava cravejada uma grande pedra de ônix, com seis dos nomes das tribos de Israel gravados nela. Aqui, novamente, as doze tribos são representadas, e a igreja é prefigurada como sendo carregada sobre os ombros de Cristo. O ombro é, nas Escrituras, um símbolo de responsabilidade e de carregar o fardo. Assim, em Isaías 9: "O governo estará sobre os Seus ombros (de Cristo)." A ovelha perdida e encontrada foi colocada sobre o ombro do bom pastor, enquanto ele a levava para casa, jubiloso. As placas dos ombros, portanto, têm o propósito de ilustrar como Jesus, como nosso grande Sumo Sacerdote, assume a nossa causa e carrega o fardo das nossas preocupações. "Tendo, pois, um grande Sumo Sacerdote, que penetrou nos céus, Jesus, o Filho de Deus, apegue-mo-nos com firmeza à fé que professamos. Porque não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (Hebreus 4:14-16). "Porque, tendo ele mesmo padecido, sendo tentado, é capaz de socorrer os que são tentados" (Cântico dos Cânticos 2:18). O CINTO CURIOSO, amarrado à cintura do Sumo Sacerdote, era da mesma rica e bela confecção que o éfode. Seu significado simbólico pode ser compreendido nas seguintes Escrituras: "Deus, que me cingiu de força e aperfeiçoou o meu caminho, faz os meus pés como os das cervas" (Salmo 18:32-33). "Transformaste o meu pranto em dança; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria" (Salmo 30:11). "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas lâmpadas; e sede vós mesmos como homens que aguardam o vosso Senhor... Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor, quando vier, estiver vigiando. Em verdade vos digo que ele se cingirá, e os fará sentar à mesa, e virá, e os servirá" (Levítico 12:35-37).

"Jesus pegou uma toalha, cingiu-se com ela, pôs água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos" (João 13:3-5). Portanto, permaneçam firmes, cingindo-se com a verdade (Efésios 6:14). Nessas Escrituras, percebe-se que o cinto é uma figura muito comum nos escritos inspirados e significa força, rapidez, alegria, prontidão para servir e verdade. Ora, todas essas coisas são verdadeiras em relação a Jesus como nosso Sumo Sacerdote. Ele é poderoso para salvar, pronto para libertar, alegra-se com o seu povo, está sempre pronto para servi-lo e guiá-lo nos caminhos da verdade. Que esse cinto é significativo em relação a Cristo fica evidente na aparição de Jesus em glória, conforme revelada a João em Patmos: "E vi sete castiçais de ouro; e no meio dos castiçais um semelhante ao Filho do Homem, vestido com uma roupa talar e cingido à altura do peito com um cinto de ouro" (Apocalipse 1:12-13). O Sumo Sacerdote também usava uma mitra ou turbante na cabeça. Este era feito de linho fino ou, mais provavelmente, de

Possuía uma faixa azul e, na frente, acima dos olhos, havia uma placa de ouro polido com as palavras "SANTIDADE AO SENHOR" inscritas. A palavra santidade significa consagrado, ou totalmente separado para o serviço do Senhor. Jesus não precisa de tal inscrição, pois tudo o que a Bíblia diz sobre Ele tem essa verdade indelévelmente gravada. Toda a Sua vida na Terra foi consagrada, e o Seu ministério celestial é totalmente dedicado a Deus e à Sua Igreja. O "URIM E TUMIM" eram colocados no bolso do peitoral. Não nos é informado o que eram. Alguns supõem que fossem...

Foram pedras brilhantes que aumentavam ou diminuía de brilho, conforme a intenção de Deus, para guiar no julgamento. Seus nomes significam "luzes e perfeições". As seguintes referências são interessantes: "E de Levi ele disse: teu Tumim e teu Urim estão com o teu justo" (Deuteronômio 13:13).

33:8). "E ele (Josué) se apresentará perante Eleazar, o sacerdote, que o consultará pelo juízo do Urim perante o Senhor" (Números 27:21). "E quando Saul consultou o Senhor, o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (1 Samuel 28:6).

"Porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, que estarão sobre o coração de Arão, quando ele entrar na presença do Senhor; e Arão levará continuamente sobre o seu coração o juízo dos filhos de Israel perante o Senhor" (Êxodo 28:30). O seguinte trecho da Enciclopédia Bíblica Crítica e Expositiva de Fausset será lido com interesse: "O Speaker's Comm. acredita que o sorteio era o modo de consulta, como em Atos 1:2-6; Provérbios 16:26. Mais provavelmente, pedras com o nome e os atributos de Jeová — 'luzes' e 'perfeições' gravadas nelas — eram dobradas dentro do éfode. Ao contemplá-las, o Sumo Sacerdote, com o éfode, diante do Senhor, era absorto em êxtase celestial; e por Deus era capacitado a declarar a vontade divina... Filo diz que o peitoral do Sumo Sacerdote era feito forte para que ele pudesse usar como imagem as duas virtudes que seu ofício exigia. Assim, o juiz egípcio costumava usar as duas figuras de Thaneí (correspondente a Tumim), verdade e justiça." Sobre o coração das múmias dos sacerdotes também havia um símbolo de luz (correspondente a Urim). É evidente que, quaisquer que fossem o propósito do Urim e Tumim, sua função era indicar a vontade perfeita e inalterável de Deus; e isso era feito por meio de algum sinal inconfundível, desconhecido para nós. Que belo tipo de Cristo temos aqui! Ele é a "palavra de Deus", "o caminho, a verdade e a vida", a revelação perfeita da mente e da vontade de Deus para o homem. E a palavra que ele proferiu nos julgará no último dia. "A palavra do Senhor é perfeita." Dela não há apelação. Oxalá todos os que professam amar o Senhor creiam nisso! Isso resolveria toda controvérsia, excluiria todas as opiniões humanas contrárias e nos conduziria à "luz do Senhor".

A NOMEAÇÃO DO SUMO SACERDOTE

O sacerdócio judaico era escolhido da tribo de Levi. Arão era dessa tribo, e todos os sumos sacerdotes subsequentes eram de sua linhagem. "O Sumo Sacerdote de nossa confissão" era da tribo de Judá segundo a carne. Assim, o sacerdócio da religião cristã é completamente "mudado", assim como "a lei". Mas aqui quero destacar um ponto muito importante. Nosso bendito Senhor não foi nosso grande Sumo Sacerdote na carne. Sua solene consagração a esse ofício exaltado se deu por meio de Sua morte e ressurreição. Isso fica claro pelo seguinte: "Pois todo sumo sacerdote, escolhido dentre os homens, é designado para servir aos homens nas coisas concernentes a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados; ele é capaz de suportar com mansidão os ignorantes e os que erram, porque ele mesmo está sujeito a fraquezas e, por isso, é obrigado, como pelo povo, a oferecer sacrifícios pelos pecados. E ninguém toma para si esta honra, senão quando é chamado por Deus, como Arão. Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo para ser feito sumo sacerdote, mas àquele que lhe disse: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei. Como também diz em outro lugar: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." Comparando o Salmo 2:7 e Atos 13:33, vemos que as palavras "eu hoje te gerei" foram ditas em referência à Sua ressurreição, ou seja, ao Seu nascimento dentre os mortos. E é evidente que é a esse tempo que as palavras citadas acima se referem.

A Epístola aos Hebreus se refere a Deus, que o reivindicou dentre os mortos como Seu Filho unigênito e o elevou ao Seu Sumo Sacerdócio nos céus. Isso se tornará evidente à medida que prosseguirmos examinando a natureza do Seu sacerdócio. O texto acima diz que foi "segundo a ordem de Melquisedeque", e para mostrar a verdadeira natureza do sacerdócio de Cristo, algumas coisas notáveis são ditas sobre esse maravilhoso homem da antiguidade. Melquisedeque, nos é dito, era "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito SEMELHANTE AO FILHO DE DEUS, PERMANECE SACERDOTE CONTINUAMENTE" (Hebreus 7:3). Ora, não é minha intenção especular sobre essas declarações no que diz respeito a Melquisedeque, mas sim salientar que o autor pretende mostrar que o sacerdócio de Cristo é eterno — que deveria ser um sacerdócio contínuo, ininterrupto pela morte. Daí se conclui que Cristo não foi investido em Seu alto ofício de Sumo Sacerdote senão após a Sua morte.

Voltando a Melquisedeque, seu nome significa "Rei da Justiça", e ele era, na realidade, "Rei de Salém" (que significa paz). Ele era, portanto, um rei-sacerdote; e esses ofícios ele exercia CONCOMITANTEMENTE. Agora Deus diz de Jesus, após Sua ressurreição e ascensão: "Contudo, eu coloquei o meu Rei sobre o meu santo monte Sião...".

"Tu és meu Filho; eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por possessão. Tu os quebrarás com uma vara de ferro e os despedaçarás como a um vaso de oleiro" (Salmo 2:6-9). "Davi não subiu aos céus; mas ele mesmo diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés."

(Atos 2:34-36). Cristo é, portanto, visto como estando no trono de Deus, reinando como Rei – "UM SACERDOTE SOBRE O SEU TRONO"; e não como Arão diante do trono. "Ele (ELE MESMO) é a propiciação (propiciatório) pelos nossos pecados."

O ofício do Sumo Sacerdote

"Todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; por isso, é necessário que este sumo sacerdote (Jesus) também tenha algo a oferecer." E Ele tinha! Mas que oferta! Ele não precisava, como o sumo sacerdote da lei, oferecer por si mesmo, mas "morreu o justo pelos injustos"; "ofereceu-se a si mesmo sem mácula a Deus"; "pois convinha a nós um sumo sacerdote como este, santo, irrepreensível, imaculado e separado dos pecadores." E "tendo Cristo vindo como sumo sacerdote das coisas futuras, por meio do tabernáculo maior e mais perfeito, não feito por mãos humanas, isto é, não desta criação, nem por meio do sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no lugar santo, tendo obtido eterna redenção."

Como nosso Sumo Sacerdote, Jesus está cheio de compaixão por seus santos que sofrem. Pois, na verdade, Ele não se apodera de anjos, mas da descendência de Abraão. Portanto, convinha que Ele, em tudo, se tornasse semelhante a seus irmãos, para que pudesse se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo; pois, tendo Ele mesmo sofrido e sido tentado, é capaz de socorrer os que são tentados. "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, à nossa semelhança, em tudo foi tentado, mas sem pecado."

"Embora fosse Filho, aprendeu a obediência por meio do que sofreu; e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se para todos os que lhe obedecem o autor da salvação eterna; e foi nomeado por Deus Sumo Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." Jesus foi "aperfeiçoado" no sentido de ser plenamente empossado no ofício de Sumo Sacerdote e Salvador. Para este elevado ofício, Ele foi capacitado e preparado ao ser tentado e provado em todos os aspectos, como nós; e ao oferecer-se a si mesmo, imaculado, a Deus como sacrifício pelos nossos pecados. Ao concluir este breve tratado, desejo agora chamar a atenção para...

O VÉU

O sumo sacerdote, uma vez por ano, no grande dia da expiação, entrava sozinho no Santo dos Santos, por trás do véu, com o sangue do falecido, que aspergia sobre e diante do propiciatório, para fazer expiação pelo povo. Agora, somos informados de que Cristo entrou de uma vez por todas no lugar santo, através do véu, com o seu próprio sangue. Consideremos cuidadosamente O VÉU ATRAVÉS DO QUAL JESUS PASSOU. Em Hebreus 10:19-21, lemos que o véu pelo qual Cristo passou para o seu trono glorioso era a sua própria carne. Em perfeita consonância com isso, lemos que, no mesmo instante em que o seu corpo sagrado foi rasgado e dilacerado na cruz, "o véu do templo se rasgou em dois, de cima a baixo". Este foi um ato de Deus, que revela uma verdade gloriosa. O rasgar do véu do templo expôs e revelou o Santo dos Santos. Mistérios, ocultos por eras, foram então revelados. Pela primeira vez, o sacerdote comum pôde contemplar aquela arca maravilhosa e o propiciatório e ver as manchas de sangue de gerações de sacrifícios. Que revelação! O rasgar do véu também criou um único compartimento extenso, sem véu entre eles.

Mas voltemos da sombra para a substância. O precioso corpo de Cristo era esse véu; ou melhor, o véu real que separava o santo do santíssimo lugar, até ser rasgado na morte na cruz. Para interceder por nós e entrar em Seu glorioso reino, o véu de Sua carne precisava ser rasgado — destruído: para que, em Sua ressurreição, em Seu corpo espiritual, Ele pudesse entrar na gloriosa presença de Deus com "Seu próprio sangue" para aspergir diante do trono. E esse rasgar do corpo de Cristo revelou os mistérios de Deus no evangelho. O que estava oculto por eras tornou-se claro. As coisas gloriosas que pertencem à nossa paz em Cristo foram então desdobradas. A vida e a imortalidade foram trazidas à luz. Mas não só isso. Assim como o rasgar do véu do templo criou um único compartimento em vez de dois, também pela morte de Jesus a separação da presença divina é removida, e nós "nos aproximamos de Deus". Suponhamos que o véu do tabernáculo seja removido. O que aconteceria então?

Ora, antes havia apenas um longo compartimento contendo o candelabro, a mesa, o altar do incenso, a arca e o propiciatório. Ora, esse é exatamente o estado das coisas em Cristo hoje. Não há véu algum separando o sacerdócio real de seu Rei-Sacerdote; não há véu algum separando a Igreja de Deus. No tabernáculo judaico, Deus habitava com o Seu povo, mas era no Santo dos Santos — além do véu, oculto da vista. Mas agora Jeová habita conosco. "Viremos a ti e faremos morada contigo", disse Jesus a respeito de Si mesmo e de Seu Pai. Não há necessidade de perguntar: "Quem subirá ao céu para trazer Cristo lá de cima?", pois Ele está conosco, em nosso meio; como Ele disse: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos". O céu foi trazido à terra. O Santo dos Santos na própria areia do deserto! E a Igreja está "assenta nos lugares celestiais em Cristo Jesus"! Que significado abençoado, então, há nas palavras do comentário inspirado sobre o tabernáculo: "Tendo, portanto,

Irmãos, ousadia para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos preparou, um caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne; e tendo um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com um coração sincero, em plena fé, tendo os nossos corações purificados de uma consciência culpada e o nosso corpo lavado com água pura." (Hebreus 10:19-22)

CAPÍTULO XVI

CONCLUSÃO

Ao concluir esta breve análise, convém resumir os pontos de comparação. Vimos que o sistema judaico era um reflexo do sistema cristão. Moisés representava para os israelitas e o tabernáculo o que Cristo representa para o Seu povo e a Igreja como instituição. Os artífices inspirados no tabernáculo eram figuras dos apóstolos inspirados de Jesus Cristo; ambos trabalhando segundo um modelo perfeito, sem se apoiarem em seu próprio entendimento. As ofertas voluntárias para o tabernáculo representavam o princípio da voluntariedade que permeia toda a religião de Cristo. Os materiais com que o tabernáculo foi construído representavam a excelência divina e a preciosidade de tudo o que pertence ao sistema cristão. O pátio do tabernáculo indicava que existe uma linha divisória que devemos cruzar, separando os orgulhosos e sábios do mundano dos humildes e ensináveis, para que possamos compreender corretamente as coisas de Deus. A compactação e a unidade do tabernáculo apontavam para a harmonia e a unidade da Igreja. As coberturas do tabernáculo nos lembravam da natureza humana e divina de Jesus, de sua humilhação e obra redentora. e também do caminho da corrupção e culpa do pecado para a beleza da santidade. Aprendemos também com essas coberturas como a Igreja de Deus é diferente, vista por pessoas de fora, daquela que se apresenta àqueles que ministram nas coisas sagradas dentro dela. O altar de bronze, com seu fogo e sua grande variedade de sacrifícios e ofertas, falava do castigo do pecado e da graciosa e abundante provisão que nosso Deus fez para a completa remoção de nossa condenação e culpa pelo sangue de Cristo, que é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A pia batismal, entre o altar e o tabernáculo, indicava o lugar e o propósito do batismo em relação aos pecadores que vêm a Cristo e à Sua Igreja. O lugar santo, com seu candelabro, sua mesa dos pães da proposição e seu altar de incenso, era uma figura da Igreja de Jesus reunida para adoração — observando "o ensino dos apóstolos e a comunhão, o partir do pão e as orações". O Santo dos Santos, com sua arca, seu propiciatório e sua maravilhosa Shechinah, representava a santa presença de Deus — o estado celestial, juntamente com os atributos divinos e os propósitos ocultos, o trono da graça e o "sangue da aspersão". O sumo sacerdote era uma figura de Cristo como nosso mediador, mas o rei-sacerdote Melquisedeque é introduzido para completar a figura que ilustra plenamente nosso Grande Sumo Sacerdote no trono de Deus. E, por fim, o véu que obscurecia o lugar santíssimo, e que era transposto uma vez por ano pelo sumo sacerdote com sangue expiatório, era uma figura da "carne" de Cristo; que o rasgar do véu quando Jesus morreu foi um ato divino mostrando que, por meio da oferta do corpo de Jesus, o véu que separava o homem de Deus foi removido; que os salvos agora podem não apenas ver pela fé as glórias do estado celestial, mas também podem se aproximar ousadamente e comungar com Deus em Sua santa presença.

Finalmente, permita-me questionar seriamente meu paciente leitor: QUAL É A SUA POSIÇÃO? O bendito Salvador, com tudo o que Lhe pertence, não Lhe diz nada? Você permanece distante, observando com indiferença os mistérios de Deus? Se assim for, o tabernáculo que o Senhor ergueu não Lhe encanta. Suas belezas estão "ocultas aos teus olhos" pelo teu próprio orgulho; pois Deus somente "as revela às crianças". Mas ao menos considere a fumaça que sobe aos céus do santo altar de holocaustos de Deus. Ela fala do "fogo que jamais se apagará" e de que Deus "de modo algum pode inocentar o culpado" sem Cristo.

Prestem atenção às coroas de prata que se elevam acima da cortina da corte — o preço da redenção do povo. Voltem-se para Aquele que aquela prata do resgate prenunciou.

E se o teu coração se comove com a visão daquele que sofre, chora e morre, ó, vem com a tua alma aflita — vem como estás — e aceita o teu substituto, o "Cordeiro de Deus", e faz a confissão de fé sobre a Sua amada cabeça; e então vem e oferece-te a ti mesmo, em solene consagração, para ser sepultado com Cristo pelo batismo na morte, para que, assim como Ele ressuscitou dos mortos, tu também possas ressuscitar para uma vida nova e abençoada.

Novamente, pergunto, caro leitor: QUAL É A SUA POSIÇÃO? É a de um sacerdote consagrado no tabernáculo da nova aliança? Olhe ao redor, então, e contemple as glórias do santuário.

Contemple o candelabro de ouro do novo tabernáculo — o ensinamento inspirado dos apóstolos de Jesus Cristo. Contemple sua beleza; deleite-se em sua luz clara, até que ela ilumine toda a sua alma, e contente-se em servir a Deus guiado apenas por ela. Considere a "mesa dos pães da proposição" — as preciosas lembranças do corpo e do sangue do seu amado Senhor; e "não deixemos de congregar-nos". Reflita novamente sobre aquele altar de ouro do incenso enquanto sua fumaça pálida sobe silenciosamente e sua fragrância preenche o lugar santo; e deixe que ele o conduza a uma comunhão mais íntima com Deus em oração. Então veja diante de si a arca da aliança, o propiciatório, os querubins, a Shechinah! E saiba, com toda a certeza, que "Deus está conosco"! Sua presença preenche o lugar santo. O Rei, em Sua beleza, está aqui.

Graça, misericórdia e verdade estão aqui. O Céu está aqui. "Considerem", por fim, "o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão". Não diante do trono, meramente como um suplicante, mas "um sacerdote em seu trono", "alto e exaltado". "Aproximemo-nos", somos preciosos aos Seus olhos. Vejam, nossos nomes estão em Seu peito e ombros. Quão querido é o Seu povo para Ele! Quão doce é saber disso!

Que Deus nos capacite a sermos ministros fiéis em Seu santuário, para que a bem-aventurada "antecipação da glória divina" possa culminar em plena e eterna realização.

Profecias sobre Cristo e seu cumprimento
Ciência moderna e fé cristã

Por Dr. Hawley O. Taylor

Existem mais de cem profecias sobre Jesus no Antigo Testamento, mas qual era a possibilidade de fazer apenas 25 previsões sobre alguém que nasceria muitos anos depois e essas previsões se concretizarem?

O Dr. Hawley O. Taylor forneceu esta resposta: "Considerando esses n casos de eventos preditos para o Messias de Israel que viria, se as chances de sucesso fossem iguais em cada caso, ou seja, p (probabilidade) igual a n em todos os casos, então a probabilidade geral de que todos os n eventos se cumprissem em uma única pessoa seria p igual a $(1/2)^n$. Assim, haveria apenas uma chance em 2^{23} milhões (onde n é igual a 25) de todos esses eventos preditos se concretizarem, se fossem meras suposições. Agora, uma análise dessas profecias a respeito de Cristo revela que nem todas têm a mesma probabilidade de sucesso, pois em alguns casos é altamente improvável que o evento ocorra (como o nascimento de uma criança sem um pai humano). Um meio-termo bastante conservador seria p igual a $1/5$; e a probabilidade geral de as n profecias se concretizarem seria p igual a $(1/5)^n$, ou uma chance em um mil trilhão, se n for igual a 25. (Ciência Moderna e Cristianismo) (Fé, p. 178.) Mesmo que a profecia referente ao nascimento virginal seja excluída, o número permanece astronomicamente grande. Grande demais para supor que isso tenha acontecido por acaso! Dr. Hawley O. Taylor; Ciência Moderna e Fé Cristã, pp. 179-183.

Profecia	Onde profetizado, onde se cumpriu.	
Da tribo de Judá.	Gênesis 49:10	Lucas 3:23-33
Da linhagem real de David	Jeremias 23:5	Mateus 1:1
Nascida de uma virgem	Isaías 7:14	Mateus 1:18
Nascido em Belém	Miquéias 5:2	Mateus 2:1,2
Um precursor preparará o caminho.	Malaquias 3:1	Marcos 1:6,7
Ele entrará em Jerusalém montado em um jumento.	Zacarias 9:9	Mateus 21:6,7
Ele será traído por um discípulo.	Zacarias 13:6	Mateus 26:49,50
Preço da traição declarado	Zacarias 11:1,2	Mateus 26:14,15
O dinheiro da traição será devolvido.	Zacarias 11:13	Mateus 27:5,7
Seus discípulos o abandonarão.	Zacarias 13:7	Mateus 26:56
Testemunhas falsas o acusarão.	Salmo 35:11	Mateus 26:59,60
Ele sofrerá, será abusado.	Isaías 50:6	Mateus 26:67
Ele sofrerá em silêncio.	Isaías 53:7	Mateus 27:12-14
Ele será açoitado.	Isaías 53:5	Mateus 27:26,29
Mãos e pés perfurados	Salmo 22:16	Lucas 23:33
Numerados com criminosos	Isaías 53:12	Marcos 15:2

Para separar as peças de roupa	Salmo 22:18	João 19:23,24
Fel e vinagre serão oferecidos.	Salmo 69:21	João 19:28,29
Fel e vinagre serão oferecidos.	Salmo 69:21	João 19:28,29
Sem ossos para quebrar	Salmo 34:20	João 19:33
Ele será traspassado	Zacarias 12:10	João 19
As multidões o repreenderão.	Salmo 109:29	Mateus 27:39
Escurecimento durante o dia para sinalizar a crucificação	Amós 8:9	Mateus 27:45
Para ser enterrado com os ricos.	Isaías 53:9	Mateus 27:57-60
Ressuscitar dos mortos!	Salmo 16:10	Mateus 28:6
Subir	Salmo 68:18a	Lucas 24:51

Hermenêutica por DR Duncan. Cincinnati, s.d., pp. 395-99.

Profecia	Onde Profetizado	Onde for cumprido
Ele seria a semente da mulher.	Gênesis 3:15	Mateus 1:18
Ele seria o Filho de Deus.	Salmo 2:7	Lucas 1:32-35
Ele venceria a serpente.	Gênesis 3:15	Hebreus 2:14
A semente de Abraão	Gênesis 12:1-3; 17:7; 22:18	Gálatas 3:16
A semente de Isaac	Gênesis 21:12	Hebreus 11:18
A semente de Judá	Gênesis 49:10	Hebreus 7:14
A semente de Davi	Salmo 132:11; Jeremias. 23:5	Atos 13:23; Romanos 1:3
O tempo de Sua vinda e morte.	Daniel 9:24-27 Lucas 2:1	
Nascida de uma virgem	Isaías 7:14	Mateus 1:18; Lucas 2:7
Ele era chamado de Emanuel.	Isaías 7:14	Mateus 1:22-23
Nascido em Belém da Judeia	Mic. 5:2	Mateus 2:1; Lucas 2:4-6
Grandes homens virão e se prostrarão diante dele. Salmo 72:10-15	Mateus 2:1-11	
Crianças massacradas para que Ele fosse morto.	Jeremias 31:15;	Mateus 2:16-18
Apresentado por João Batista	Isa. 40:3; Mal. 3:1	Mateus 3:1-3; Lucas 1:17
Foi ungido pelo Espírito Santo.	45:7; Isaías 11:2; 41:1	Mateus 3:16-17; João 3:34; Atos; Salmo 10:38
Ele era um profeta semelhante a Moisés.	Deuteronômio 18:15-18	Atos 3:20-22
Ele foi enviado como um libertador para o povo.	Isaías 41:1-3	Lucas 4:16-21; Lucas 4:43

Ele é a luz para Zebulom e Naftali.	Isaías 9:1-3	Mateus 4:12-16
Ele vem ao templo e o purifica.	E. 2:7-9; Mal. 3:1	Lucas 19:45; João 2:13-16
Sua pobreza Isaías 53:2	Marcos 6:3;	Lucas 9:58
Ele era manso e ostentoso.	Isaías 42:1-2	Filipenses 2:7-9
Sua compaixão	Isa. 40:11; 42:3 Mat. 12:15-20; Heb. 4:15	
Foi sem maldade	Isaías 53:9	Ped. 2:22
Grande zelo pela casa de Deus	Salmo 69:9	João 2:17
Ele ensinava por meio de parábolas.	Salmo 78:2	Mateus 13:34-35
Ele realizou milagres.	Isaías 35:5-6	Lucas 7:18-23
Rejeitado por seus irmãos	Salmo 69:8; Isaías. 53:3	João 1:11; João 7:5
Odiado pelos judeus	Salmo 59:4; Isaías. 49:7	João 15:24-25
Rejeitados por seus governantes	Salmo 118:22	João 7:48; Mateus 21:4
Uma pedra de tropeço e rocha de ofensa	Isaías 8:14	Romanos 9:32; 1 Pedro 2:8
Traído por um amigo	Salmo. 41:9; 55:12-14	João 13:18-21
Abandonado por seus discípulos	Zacarias 13:7	Mateus 26:31-56
Foi vendido por trinta moedas de prata.	Zacarias 11:12	Mateus 26:15
Esse dinheiro foi dado para comprar o campo do oleiro (Zacarias 11:13).		Mateus 27:7
Ele foi paciente e silencioso em todos os Seus sofrimentos (Isaías 53:7).		Mateus 26:63; 27:12-14
Apaixonado na bochecha	Microfone 5:1	Mateus 27:30
Seus sofrimentos foram intensos.	Salmo 22:14-15 Lucas	22:42-44
Foi açoitado e cuspidos.	Salmo 35:15; Isaías. 1:6	Marcos 14:65; João 19:1
Seu semblante estava muito desfigurado.	Isaías 52:14; 53:3 João	19:1-5
Ele sofreu para que pudesse levar embora os nossos pecados.	Isaías 53:4; Daniel. 9:26	Mateus 20:28; 26:28
Os governantes, judeus e gentios, se unem contra Ele para matá-Lo (Salmo 2:1-4).		Lucas 23:12; Atos 4:27-28
Ele foi estendido na cruz e Suas mãos (Isaías 25:10-11; João 19:18, 20-25). e os seus pés foram pregados na madeira. Salmo 22:16		
Essa agonia foi agravada pelo fato de ser considerado um ladrão.	Isaías 53:12	Marcos 15:28

Deram-lhe fel e vinagre.	Salmo 69:21	Mateus 27:39-44
Ele foi cruelmente zombado.	Salmo. 22:7-8; Mt 27:39-44 35:15-21	
Ele sofreu sozinho; até mesmo a presença do Pai (Isaías 63:1-3; Salmo 11:10) foi retirado 22:1		Mateus 27:46
Repartiram entre si as suas vestes e lançaram sortes sobre a sua túnica (Salmo 22:18).		Mateus 27:35
Ele se tornou assim uma maldição para nós, carregou nosso peso (Romanos 5:22; 1 Pedro 2:24; 3:13; Gálatas 14:14).	Salmo 22:9-10; 13:13	3:13
Ele intercedeu pelos assassinos.	Isaías 53:12	Lucas 23:24
Após a Sua morte, eles O traspassaram.	Zacarias 12:10	João 19:34-37
Mas não quebrou nenhum osso do Seu corpo.	Êxodo 12:46; Salmo. 34:20	João 19:33-36
Ele foi enterrado com os ricos.	Isaías 53:9	Mateus 27:57-60
Sua carne não viu corrupção; ele	Salmo 16:8-10	Atos 2:31
ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme o Salmo 16:8-10 das Escrituras.		Lucas 24:6; 24:31; 24:34
Ele ascendeu aos céus.	68:18; Salmo 24:7-9	Lucas 24:51; Atos 1:9
Ele se tornou sacerdote segundo a ordem do Salmo 110:4; e sacerdote em Hebreus 5:5-6. ao mesmo tempo	Melquisedeque, que era rei Zacarias 6:12-13	
Ele recebeu para si um reino que Salmo 2:6; Daniel. mundo inteiro Mateus 28:18-19; Filipenses 2:9-10	2:44; 7:13-14;	Lucas 1:32; João 18:33-37; abrange o
Sua lei saiu de Sião e sua palavra de Isaías 2:1-3; Miquéias. Jerusalém	4:12	Lucas 24:46-49; Atos 2:1-40
Os gentios devem ser admitidos em Seu reino. João 10:16; Atos 10:44-48; Isaías 11:10; 42:1; Salmo 2:8 serviço		Romanos 15:9-12
A justiça do Seu reinado	Isaías 9:6-7; Salmo. 45:6-7	João 5:30; Apocalipse 19:11

Conclusão

Diversas conclusões podem ser extraídas deste estudo, mesmo que algumas opiniões e interpretações sejam rejeitadas.

1. Deus havia implementado um plano para reconciliar o homem com Ele após a rebelião humana. Esse plano é o tema central da Bíblia. Leis e regulamentos foram dados para conscientizar o homem de que qualquer ação sua que não estivesse em conformidade com Ele desagradava a Deus.

considerados pecados ou transgressões da Sua lei. Com Cristo, as ações do homem, de obediência a exigências e proibições, foram transformadas em ações baseadas no amor, ações que emanam do coração.

2. Muitos escritores, ao longo de um extenso período, registraram tipos, sombras e profecias, todos apontando para a pessoa de Cristo. Sua oferta pelo pecado permitiu que o homem obediente fosse perdoado e justificado por meio dessa oferta.

3. Sombras e tipos não eram a realidade. Eles apenas forneciam um vislumbre velado do perdão e da redenção em algum momento futuro. A vida, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão de Jesus, frequentemente referidas como o Evangelho ou Evangelho de Cristo, são a realidade de todos os tipos e sombras.

Com fé e obediência, o homem pode receber o dom gratuito da salvação ao dar uma guinada em sua vida, clamando a Deus pelo perdão ao ser sepultado na morte de Cristo, imerso nas águas, em um processo geralmente chamado de batismo, permitindo que Deus o ressuscite para uma nova vida espiritual, purificado de todos os pecados passados.

Fontes

Ciência moderna e fé cristã, pp. 179-183.

Hermenêutica por DR Duncan. Cincinnati, s.d., pp. 395-99.

Sombra e Substância - O Tabernáculo, Autor desconhecido

Tipos e Sombras Bíblicas, por Mark Dunagan, Igreja de Cristo de Beaverton, Beaverton, Oregon

A Sombra das Coisas Celestiais, de Joseph Pittman, Austral Publishing Co., Melbourne, Austrália, 1893.

O Padrão que se Desdobra, por Ray C. Stedman, pastor da Igreja Bíblica da Península em Palo Alto, Califórnia.

Tipologia, um estudo dos termos do Novo Testamento, autor desconhecido

wikipedia.org/wiki/Profecia



Instituto Internacional de Conhecimento Bíblico

Randolph Dunn, Presidente - Roberto Santiago, Decano

thebiblewayonline.com



Curso 1 - A Mensagem de Deus Como tudo chegou a este ponto? O Homem Que Era Deus Cristo - O Mistério de Deus Mitos sobre Deus Da Vida à Morte - Homem Mortal Resgate Planejado Mensagens dos Evangelhos Curso 2 - Obediência a Cristo Tempo antes de Cristo Tempo de Cristo na Terra Tempo Depois de Cristo Fim dos Tempos na Terra Chegou a hora de decidir. Da morte à vida, passando pela cruz. Mitos sobre o perdão Batismo em Cristo Curso 3 - Uma Nova Vida em Cristo Um reino não feito por mãos humanas. Servos no Reino Primeiros Princípios de Cristo Viúvas e outras pessoas necessitadas Leite Espiritual Vivendo em Liberdade Mito da Miséria Mensagem das Epístolas Adore a Deus em espírito e em verdade. Estudos para estudiosos da Bíblia Bíblia Esboçada Bíblia resumida Tipos e Metáforas	Curso 4 - Crescendo em Cristo Jesus de Nazaré A vida de Cristo Unidos em Cristo Mitos sobre a dor: Corpo, alma e espírito - Para onde vão quando morremos? Casamento e divórcio: o sábado de Deus Criação antes de Gênesis Criação hebreus Curso 5 - Amadurecendo em Cristo Lições da Cruz O Processo de Reconstrução de Deus As melhores perguntas já feitas Vivendo uns para os outros em Cristo Vivendo a vida ao máximo Promessas agora e para sempre Homens de verdade são homens tementes a Deus. Palavras Maravilhosas da Vida Curso 6 - Tornando-se um Estudioso da Bíblia Sombras, Tipos e Profecias O Espírito Santo Daniel Apocalipse de Jesus Cristo O Silêncio das Escrituras Ensinaamentos e Práticas de 100 d.C. a 1500 d.C. Reforma ou Restauração Compilando e Traduzindo a Bíblia Práticas da Igreja Hoje – Escritura ou Tradição? Genealogia de Jesus - Um gráfico
---	---